

Associação livre

ANO VII, EDIÇÃO IX, DEZEMBRO DE 2018

JORNAL DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA



ANTES, UM PENSAMENTO



A. Ricciardi

APRESENTAÇÃO

A capa desta nona edição, inspirada na original ideia de Bion de que os pensamentos precedem ao pensador, vem ilustrada com personagens que captaram pensamentos originais: na sequência, Manuel Bandeira, Sigmund Freud, Nelson Rodrigues, Melanie Klein, Friedrich Nietzsche, Wilfred Bion, Donald Winnicott, Jacques Lacan e Clarice Lispector. Formam nesse sentido um grande grupo de trabalho, como propõe o colega psicanalista que assina a ilustração, Alexandre Ricciardi. Esses pensadores, por sua vez, colocam nossos autores a *trabalhar*, para usar a emblemática expressão de Jean Laplanche, destaque nesta edição nos relatos de nosso entrevistado, José Carlos Calich (SPPA). Antes, abrindo a série de artigos, o grupo de trabalho bioniano é apresentado sob a ótica de Cláudio Castelo Filho (SBPSP) em conversa com a colega Helena Pontual. Este número traz outra novidade: o ingresso na equipe editorial de Paola Amendoeira, que assume a edição do jornal a partir do próximo número. Com muita alegria brindamos a chegada de Paola que vem compor, com sua particular capacidade de cooperação, este grande grupo de trabalho da SPBSb que se forma a cada nova edição do *Associação Livre*.

Cláudia Carneiro

NESTA EDIÇÃO

GRUPOS - A difícil tarefa de lidar com emoções primitivas

▪ **Helena Daltro Pontual** ▪ 3

"FAREI TATUAGENS" ou O carrossel diabólico ▪ **Márcio Nunes de Carvalho** ▪ 7

PSICANÁLISE E PACTO SOCIAL ▪ **Veridiana Canezin Guimarães** ▪ 12

TEMPO. TEMPO. TEMPO. ▪ **Marina Reifschneider** ▪ 14

Do fax à carta, da carta ao encontro - EVOLUÇÕES - Entrevista com José Carlos Calich
▪ Por **Paola Amendoeira** e **Carlos Frausino** ▪ 17

UM TARDIO EPITÁFIO ▪ **Avelino Neto** ▪ 22

ERA UMA VEZ... ▪ **Taiza Andrade Calil Jabur** ▪ 24

RELAÇÕES ABUSIVAS E ASPECTOS PRIMITIVOS

▪ **Marina Abdalla de Souza Porto** ▪ 26

LUGARES DE FALA - Rotas da escravidão da mulher negra brasileira

▪ **Cláudia Aparecida Carneiro** e **Maria Elizabeth Mori** ▪ 28

DÍALOGOS NA BREVIDADE ▪ **Nadja Rodrigues de Oliveira** ▪ 32

NUMA ESTAÇÃO DE TREM ▪ **Kátia Barbosa Macêdo** ▪ 35

QUEM SOMOS

Edição
CLÁUDIA CARNEIRO

Equipe Editorial
PAOLA AMENDOEIRA (SUBEDITORIA)
CARLOS CESAR MARQUES FRAUSINO
HELENA DALTRO PONTUAL

Ilustrações
ALEXANDRE RICCIARDI

Projeto Gráfico | SALOMÉ
Diagramação | LICURGO S. BOTELHO

Impressão e Apoio
GRÁFICA TIPO SET LTDA

Diretoria da SPBSb
ROBERTO CALIL JABUR, *presidente*
ISA MARIA LOPES PANIAGO, *secretária*
MARIA DE LOURDES ZILLI GUIMARÃES, *tesoureira*
LÚCIA EUGÊNIA PASSARINHO, *diretora científica*
SILVIA HELENA D. C. HEIMBURGER, *diretora do Instituto*

Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília,
filiação à Federação Brasileira de Psicanálise, Febrapsi,
e à International Psychoanalytical Association, IPA.

WWW.SPBSB.ORG.BR • SPBSB@SPBSB.ORG.BR
JORNAL@SPBSB.ORG.BR

SHIS QI 09 Bloco E 1 - sala 105 | Bairro: Lago Sul
Brasília/DF | CEP: 71625-175 | 61 3248.2309

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da SPBSb.

GRUPOS

A DIFÍCIL TAREFA DE LIDAR COM EMOÇÕES PRIMITIVAS

UMA CONVERSA COM CLÁUDIO CASTELO FILHO

Helena Daltro Pontual



Os trabalhos de Wilfred Bion (Mathura, 1897 - Oxford, 1979) desenvolvidos com grupos foram de grande importância para sua produção científica e até hoje trazem enormes contribuições a analistas e profissionais da área de saúde. Foram esses trabalhos que possibilitaram a Bion reconhecer a presença de mecanismos psicóticos, ter melhor compreensão no trato de pacientes esquizofrênicos e, por conseguinte, aprofundar estudos de problemas ligados ao pensamento, à linguagem e ao conhecimento.

A dinâmica de grupos tratada por Bion sempre me impressionou por sua singularidade e compreensão do ser humano. Vai muito além do trato com pacientes, pois nos oferece ferramentas para nos compreendermos individualmente e aos diversos grupos, tanto os de nossas sociedades psicanalíticas como os de empresas, associações e mesmo a sociedade mais ampla, agrupada em uma cidade ou país.

Em 1942, no Hospital Northfield, em Birmingham, hospital psiquiátrico convertido em hospital militar durante a Segunda Guerra,

Bion iniciou seus experimentos com grupos de pacientes. A partir do trabalho em grupo com militares ali internados, Bion deveria decidir quem estava apto ou não a retornar à vida militar. Foi na observação desses pacientes que Bion desenvolveu a dinâmica de grupos.

O grupo de pressupostos básicos, no original *basic assumption*, funciona nos moldes do processo primário de pensamento e, portanto, obedece primordialmente às leis do inconsciente dinâmico, conforme definiu David E. Zimmerman, no livro *Bion, da teoria à prática* (Porto Alegre: Artmed, 2004). Esse grupo conserva características das reações defensivas mobilizadas pelo ego primitivo contra ansiedades psicóticas. Bion aborda o assunto em *Experiências com Grupos* (Rio de Janeiro: Imago, 1970), onde conta seu trabalho com pacientes e expõe seus conceitos sobre esse tema, descrevendo três modalidades desse grupo: dependência, luta e fuga e acasalamento. O grupo de pressuposto básico, por suas características, se opõe à mudança e ao crescimento e não tolera frustrações. Bion observa que o estado emocional próprio a uma suposição básica não é inteiramente agradável, e que tal estado acontece com o analista na psicanálise e também em grupo.

Já o grupo de trabalho está voltado para aspectos conscientes de uma determinada tarefa combinada por todos os membros do grupo. Para Bion, esse grupo tem grande capacidade de cooperação, e sua estrutura psicológica é poderosa e com vitalidade para vivenciar suas experiências. Há, geralmente, uma máquina administrativa estabelecida, operada por funcionários que são reconhecidos como tais pelo resto do grupo. Um grupo refinado, como Bion gostava de chamar.

O trabalho desenvolvido por Bion, por óbvio muito mais amplo e complexo do que definições rapidamente expostas aqui, nos mostra, contudo, que as características e manifestações dos pressupostos básicos estão sempre subjacentes em qualquer grupo de trabalho. É esse aspecto que nos interessa e que vamos tratar aqui.

Para tanto, conversei com Cláudio Castelo Filho, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, doutor em Psicologia Social e professor livre-docente de Psicologia da USP, além de supervisor do Centro de Estudos e Atendimentos Relativos ao Abuso Sexual do Instituto Oscar Freire (CEARAS). Cláudio tem artigos, periódicos e livros publicados no Brasil e no exterior. Além disso, é também artista plástico, pessoa gene-



Cláudio Castelo Filho

rosa e acolhedora, que me recebeu de bom grado para uma entrevista sobre o tema.

Invasão no grupo de trabalho

Estudioso da obra de Bion, Cláudio Castelo Filho disse, em seu livro *O processo criativo – transformação e ruptura* (São Paulo: Blucher, 2015), que a riqueza de um grupo se deve àquilo que cada membro pode acrescentar e enriquecer de acordo com o que lhe é característico e único. “Enquanto os grupos anseiam por um enriquecimento dessa natureza, também se comportam, paradoxalmente, na direção de anular e até mesmo aniquilar tudo o que possa ser diferente, procurando a homogeneização”, afirmou. Para o autor, cujo livro foi baseado em sua tese de doutorado na USP, tal situação se torna ainda mais crítica ou conflitante quando um membro do grupo é excepcionalmente dotado.

O funcionamento de um grupo de trabalho depende, portanto, segundo o psicanalista, do desenvolvimento das pessoas nele envolvidas, mas esse mesmo grupo pode ser invadido pelo funcionamento psíquico do grupo de pressupostos básicos. E isso ocorre com frequência.

– Estamos quase sempre nos grupos de pressupostos básicos, mesmo quando estamos conosco ou em um grupo de trabalho. Pode ser que outros fenômenos permeiem o chamado grupo de trabalho e o transformem em outra coisa, ficando este simplesmente uma imitação do grupo de trabalho. A questão é se podemos desenvolver alguma condição mental para poder lidar com os pressupostos básicos que se apresentam – disse.

Para Cláudio, os grupos de trabalho são mais raros e mais difíceis de acontecer como tal, pois geralmente são invadidos pelos pressupostos básicos. Ele conta que foi procurado algumas vezes por coordenadores e diretores de empresas e escolas que se queixavam e estavam chateados por estarem lidando, em seus grupos, com muitas características desagradáveis, tais como inveja, ciúmes e rivalidades de toda ordem.

– O que costumo dizer a essas pessoas é que elas não se deram conta de que isto é o trabalho delas, sendo a principal parte desse trabalho lidar com tais questões. Que se tiverem condições de reconhecer os pressupostos básicos será possível negociar com as emoções e aspectos primordiais que emergem nos grupos, dar acolhimento e limpar o espaço – observou.

Esses aspectos mais primitivos da mente, assegurou, não são algo que acontece em uma pessoa, mas significam que essa pessoa é a expressão de algo que já está acontecendo no grupo.

– Quando há pessoas que são mais perturbadas ou primitivas, isso tende a ficar mais acentuado. Por exemplo, vemos às vezes em reuniões científicas que uma pessoa se levanta para dar contribuições, mas, na verdade, ela está ali para roubar o assento do apresentador. É perceptível que essa pessoa foi lá com esse fim – ressaltou.

Comentei com Cláudio que observo, com alguma frequência, em grupos de trabalho com líder, como os que existem em nossa sociedade, por exemplo, ou em salas de aula, que enquanto o líder/coordenador/professor fala duas pessoas conversam em paralelo, atrapalhando o trabalho ali desenvolvido. O que fazer? Um professor meu, quando ocorria esse fato, pedia para que as duas pessoas falassem à turma do que tratavam em particular. Cláudio disse perguntar às pessoas se teriam algo a contribuir com o grupo.

O líder, coordenador, diretor, professor que estiver mantendo o grupo precisa saber do surgimento dos pressupostos básicos e administrar esses fenômenos de alguma forma. Se não souber, observa Cláudio, “o grupo de trabalho vai para o espaço”. Muitas vezes, esses fatos podem resultar na dissolução do grupo.

Líder psicótico

Em *Experiências com grupos*, Bion observa que é cobrado dos alemães sua responsabilidade pelo comportamento do governo nazista de Hitler, aplicando-se aí o famoso ‘quem cala consente’. Diz Bion: “Não traz muita felici-

dade insistir sobre a responsabilidade coletiva desta maneira, mas presumirei, não obstante, que a menos que um grupo desautorize ativamente seu líder, ele estará, de fato, seguindo-o”. Nessa mesma obra, Bion relata diversos episódios em que não assumia, propositalmente, a condição de líder nos grupos de pacientes e estes acabavam, sistematicamente, instituindo como líder seu membro mais perturbado.

Para Cláudio, há uma inclinação, em geral, a se eleger para líder a pessoa com maiores aspectos psicóticos. Dentre os atuais, citou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

– Em geral, a pessoa que se coloca na posição de líder místico tende a se confundir com deus. As outras pessoas querem muito um deus ou um salvador da pátria, porque é muito difícil conviver na condição humana de que não existe garantia de coisa alguma, de que tudo que sabemos está sempre em trânsito e que não corresponde à realidade última. O pensamento científico é transitório, efêmero e sempre estará na direção da realidade última, por sua vez inalcançável. Sempre uso o modelo de que estamos num planeta que é arrastado por uma estrela e pela galáxia para um completo desconhecido. Conviver com isso é muito assustador, então a tendência é apelar para a onipotência de deus na terra – explicou.

Observa que é mais fácil encontrar pessoas que comandam se colocando numa posição de onipotência, como deus na terra. Para fazer isso, geralmente há um traço psicótico acentuado nessa pessoa. Quem não se coloca na posição de onipotência geralmente não é muito valorizado, a não ser por grupos menores, avalia. Por esse motivo, Cláudio acha que a que a psicanálise real nunca será muito popular.

– Só alguém que tolera essas angústias do não saber adquire discernimento próprio para estar mais livre. Como é mais difícil chegar a esse nível de tolerância, fica mais fácil ir atrás de gurus, que sempre terão filas gigantes em suas portas e lucrarão muito mais. Na maioria das vezes, portanto, acontece um fenômeno de natureza religiosa que se fundamenta em ir atrás do messias – destacou.

Perguntei se esse fenômeno predominava nos países da América Latina. Ele observou: “Predomina no mundo. Desde a Rússia aos países europeus que estão caindo para a extrema direita, saíram das ditaduras de extrema-esquerda ou ditas de extrema-esquerda”. Completou citando uma máxima de Millôr Fernandes: “Não gosto da direita porque ela é de direita, e não gosto da esquerda porque ela é de direita”. Nesse sentido, citou Daniel Ortega, na Nicarágua.

Para ele, todos esses líderes – Benito Mussolini, Adolf Hitler, Mao Tsé-Tung, Josef Stalin, entre outros, incluindo os da América Latina – têm a mesma característica, qual seja, utilizar a estratégia que se vale da figura messiânica para que um grupo se estabeleça no poder. E esse fenômeno ocorre, de preferência, quando a comunidade/sociedade se sente desamparada ou em crise, momentos em que é mais provável que vá atrás da figura psicótica/messias.

– Quanto mais desamparado, maior a onipotência a que se recorre e maior a tendência a se eleger um líder desse tipo. Quanto mais esquizoparanóide, maior a tendência a se construir um objeto idealizado. É como se esse líder/messias, ficando todo poderoso, eu ficasse poderoso junto com ele, mesmo que na prática eu seja tocado como gado. Existe a fantasia de fazer parte da maioria. Essas figuras, em geral, tentam destruir as minorias para configurar algo uníssono, sem conflitos. Como se ser autoritário pudesse até mesmo eliminar os conflitos internos das pessoas – observou.

Alguns psicanalistas costumam dizer que por trás de patologias como perversão e psicopatia sempre há psicose. Abordei o assunto com Cláudio, observando que esses líderes e grandes comandantes com tais características têm uma mente perversa e delirante, mas também empregam táticas engenhosas e agem com muito planejamento. Cláudio relatou:

- Alguém disse uma vez que é mais complicado quando Napoleão acredita ser Napoleão. Luiz XIV, por exemplo, menino que ficou órfão pequeno, passou por revoltas e ameaças, criou uma imagem do rei-sol que tinha a finalidade deliberada e consciente de criar uma ilusão na corte de ser uma figura sobrenatural. Com isso, ele manipulava as pessoas. Penso que, pelo menos no início, havia uma discriminação entre o personagem do rei-sol e a pessoa real que ele era. Quando os outros reis se confundiram com essa imagem, não tiveram condições de se manter. Até mesmo para um psicótico é preciso, para poder operar, o contato com a realidade. Para a identificação projetiva poder funcionar, a pessoa tem que ter um contato suficiente com a realidade para ela saber onde mobilizar no ambiente com o intuito de ter reações esperadas, seja de desagregação do grupo, seja para obter a ajuda de que precisa. Quando a identificação projetiva é exagerada e a pessoa perde o mínimo de contato com a realidade, ela deixa de operar e vira o chamado louco de hospício – disse.

Cláudio complementou: “A crueldade faz parte de nossa natureza. Uma coisa é quando podemos ter noção de algo vivo, não objeto e

nem coisa. O nível de funcionamento psicótico não distingue o que é vivo do que não é. Então é possível agir com a maior barbaridade porque não há consideração por aquilo que é vivo. A crueldade humana pode ser administrada quando nos damos conta de algo vivo, da dor, culpa e remorso. Só podemos lidar com a crueldade quando há posição depressiva.”

Cláudio fez um breve comentário sobre o filme *A Queda – as últimas horas de Hitler* (2004), escrito por Bernd Eichinger, no qual há uma situação emblemática a respeito de um grande general condecorado. Esse general diz que vai até o *bunker* para se suicidar porque não conseguira cumprir as ordens de Hitler, que consistiam em usar exércitos já dizimados para combater o inimigo.

– Mesmo com os exércitos não existindo mais, ordem é ordem, e o general se mata. Então você observa que ele estava submetido psiquicamente, mesmo sendo um comandante. Que estado de mente é esse que precisa constituir uma figura tão poderosa, onipotente e inquestionável? Penso que tem a ver com situações que, apesar de essa pessoa ter se tornado um grande comandante de guerra, o seu estado de mente era muito primitivo – explicou.

Sobre a inveja, Cláudio observou ser esse o sentimento que está por trás de ideologias que pregam e sustentam a fantasia de igualdade. E concluiu: “Penso que isso serve para não ter que lidar com a inveja. O problema é que sempre haverá alguém que terá mais do que você, em alguma dimensão, e é essa diferença que faz a riqueza da condição humana. Perceber que alguém tem certo talento ou capacidade que você não tem ou não desenvolveu pode incomodar muito, mas é preciso conviver com a inveja quando ela aparece”.

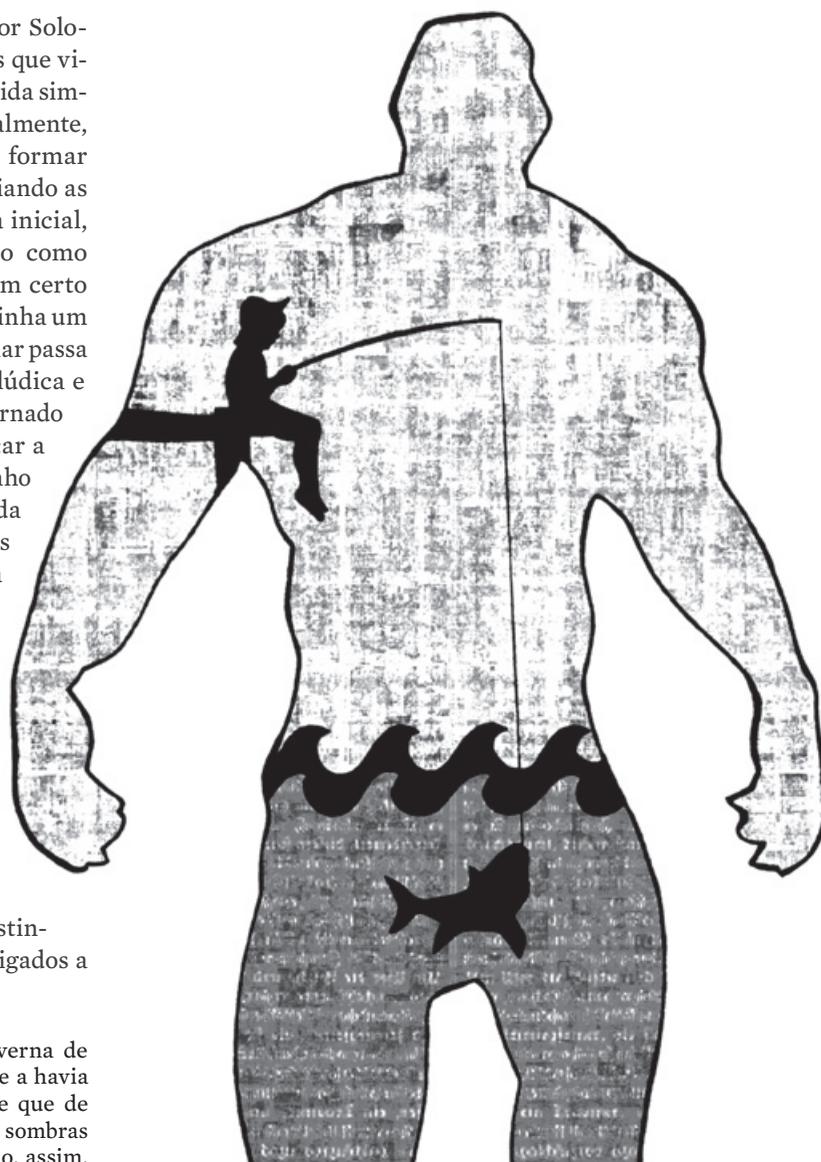


Helena Daltro Pontual é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

"FAREI TATUAGENS" OU O CARROSSEL DIABÓLICO

Márcio Nunes de Carvalho

No conto *Luz e sombras** de Fiódor Sológuib (1896), um garoto de 10 anos que vivia juntamente com a mãe uma vida simples e monótona descobre, acidentalmente, que pode com suas mãos e objetos formar sombras projetadas nas paredes, criando as mais variadas figuras. Da surpresa inicial, a brincadeira vai se configurando como uma obsessão e a história ganha um certo tom nebuloso. Assim, o garoto que tinha um comportamento considerado exemplar passa do que poderia ser uma atividade lúdica e criativa para um fascínio mórbido tornado incontrollável, acabando por alcançar a mãe que no início achava tudo estranho e relutava em apoiar o filho. Ele, cada vez mais, entrega-se a criar sombras em detrimento de viver uma infância "normal" como a dos demais amigos, abandonando as atividades escolares e sociais. Enfim, vai acontecendo um afastamento progressivo da realidade (luzes), arrastados que são, mãe e filho, para um aprisionamento (sombras) numa atividade criativa-tirânica, sem alternativas diante do fato de que em lugar algum podem viver sem "paredes". Assim, não existindo esse lugar onde não se veem obrigados a



* O conto lembrou-me o mito da caverna de Platão, quando uma personagem, que a havia abandonado em direção à realidade que de fora da caverna produzia as imagens sombras na parede interna, retorna preferindo, assim, aquela realidade das sombras.

formar figuras que ganham vida nas “paredes”, acabam por não resistir e se entregam, capturados, àquela compulsão.

O conto, portanto, gira em torno da invenção criativa, lúdica, de uma criança e que, como uma faca de dois gumes, desliza em meio a um fascínio mórbido para uma atividade escravizante. As pequenas e criativas invenções de figuras nas paredes do quarto vão se configurando como estranhas e, porque não?, assustadoras, pelo fato de que as figuras criadas passam a exercer domínio sobre as mentes da criança e da mãe. A narrativa traz o leitor para perto do abismo mental que desconhecemos ou que não reconhecemos, mas que trazemos dentro de nós.

O texto ajudou-me a pensar sobre a relação analítica com um jovem de pouco mais de 30 anos que insistia numa decisão, não consumada, vale dizer, de fazer tatuagens pelo corpo. Tatuagens que acabei considerando como projeções similares às do conto, no caso, *sombras do imaginário*. Seriam, em princípio, tatuagens por todo o corpo, este também similar à “parede” de *Luz e sombras*. O significado de seu desejo de se tatuar revelou-se com o tempo. Mais adiante trarei passagens de nossas conversas quando entre nós ideias fluíam, lembrando o que Virginia Woolf denominou de fluxo de consciência. Um fluxo de ideias que na literatura woolfiana tem função criativa, mas que, entretanto, no caso da análise não seguia nessa mesma direção criativa. A análise avançou para um sutil conluio no qual conversas e conversas giravam em círculo.

Quando me procurou, sentia-se preso a um comodismo, indiferença, um “paradeiro mental”, vivendo uma rotina enfadonha, o que lhe gerava um sentimento de inutilidade e de incapacidade para tomar as iniciativas que dessem continuidade à sua vida.

Um fato começou, após certo tempo, a chamar minha atenção. Como seria natural, a cada vez que ele entrava na sala de análise, a sessão deveria começar e a cada vez que saía, a sessão deveria terminar. Comecei a perceber que “as coisas” não funcionavam bem assim. A análise não começava ao vê-lo e nem terminava quando nos despedíamos. As conversas que pareciam *concluídas*, na

verdade, permaneciam em alguma medida repercutindo e reverberando em meu imaginário depois da sessão terminada, como as sombras do conto. A luz não se apagava para mim e as sombras, com uma frequência inusitada, não desapareciam completamente.

Dois conceitos psicanalíticos emergiram durante a análise: o da barreira de contato e o da identificação projetiva-introjetiva.

Quanto ao primeiro, mas no campo relacional, algo que poderia lhe ser similar e propiciador de trocas criativas no espaço *entre* da relação analítica deu lugar ao que denominarei uma forma disfuncional da barreira de contato. Disfuncional, porque havia fluxo de ideias transitando entre nós, mas ideias que giravam como num carrossel, num girar em torno do *nada*. Palavra que, como se verá, foi muito usada por nós.

Quanto ao conceito de identificação projetiva, conforme formulado por M. Klein, com as contribuições de Racker, Paula Heimann e principalmente Bion, e que no meu entender está interligado ao conceito freudiano da atenção flutuante encaixado no da transferência, na perspectiva bioniana vejo como intimamente conectado ao conceito de *rêverie*. Identificação projetiva, conceitualmente, sustenta-se na hipótese de uma crença inconsciente e onipotente na continuidade da realidade psíquica na realidade externa. Penso numa sequência: inicialmente prestar-se-ia a uma relação fusional com o objeto; depois, projetivamente, funcionaria como *sondagem*, em nível inconsciente, dirigida ao objeto (preconcepção de seio); por fim, poderia favorecer uma disposição empática do eu em relação ao objeto. A identificação projetiva, tal qual uma faca de dois gumes, pode seguir por uma senda criativa no sentido de construir um sistema de comunicação pré-verbal que se estende até o *rêverie* ou, simplesmente, continuar como uma defesa primitiva que visa um arraigado fusional com o objeto.

Para se constituir como sistema de comunicação, a identificação projetiva necessita de uma contraparte, a identificação introjetiva, com a qual se complementa. Por esta, o objeto alvo da identificação projetiva ou alcança a condição de *rêverie* ou é capturado, perdendo

A identificação projetiva, tal qual uma faca de dois gumes, pode seguir por uma senda criativa no sentido de construir um sistema de comunicação pré-verbal que se estende até o rêverie ou, simplesmente, continuar como uma defesa primitiva que visa um arraigado fusional com o objeto.

autonomia. De qualquer modo, elas criam uma ligação primitiva e fusional no espaço de um possível vir a ser *entre objetos*, uma espécie de cordão umbilical virtual-psíquico funcionando de forma simbiótica ou parasita. Em pessoas ditas egoístas, marcadamente insensíveis, a identificação introjetiva se apresenta menos funcionante. Portanto, essas pessoas não são alcançadas facilmente por identificações projetivas a elas dirigidas, face às defesas narcísicas. Nestas situações, a identificação projetiva seria como um tiro n'água, resultando em possibilidades reduzidas para uma relação empática.

Por conseguinte, como primeira e primitiva forma de comunicação entre humanos, elas – identificação projetiva e introjetiva em psicanálise – efetivam-se no sentido de uma comunicação empática não verbal se a disposição mental do analista se mover de um estado mental esquizoparanoide para o estado mental depressivo (*rêverie/empatia*).

Em razão do descrito, e lembrando Freud em *Dois princípios do funcionamento psíquico*, é central no cenário da sessão psicanalítica o analista poder sentir o fluir ou o travamento do pensar, de acordo, portanto, com suas vicissitudes. Não porque o pensar para o analista seja uma meta em si mesma, mas porque o pensar e suas vicissitudes (resistências, defesas, movimentos de escape da *verdade*, movimentos *regressivos* do pensamento) é o meio ou o obstáculo para que a relação analítica cresça (no sentido bioniano) e a mente expanda seu potencial criativo, o que se revela (ou não) no pensar. Segundo Bion, a psicanálise está para a filosofia como a matemática aplicada está para a matemática pura. Uma ótima sugestão para se considerar que sem extrair no/do analisando o seu “filósofo interior”, a psicanálise ou empaca ou se desvia para psicoterapia.

Uma impressão que permaneceu do conto – razão pela qual o trago a propósito da experiência analítica que relatarei – foi a de uma relação fusional menino-sombras-parede que se me revelou indissolúvel. Na análise, quando ocorre uma barreira de contato disfuncional, provavelmente seria por conta de um fusionamento na relação analista-analisando. No episódio analítico

que descreverei, eu era e inconscientemente me permitia ser colocado como uma *parede mental*, fazendo parte de enredos-imagens que se repetiam circularmente. Contudo, não estou apontando para uma dinâmica psicótica, não obstante a presença do fusionamento, considero uma disposição mental primitiva ao alcance de qualquer um para ser usada de forma pontualmente defensiva.

No relato a seguir, que não é um conto, eu conto uma experiência analítica, como um sonho que quando relatado já não é mais o sonho que foi sonhado, e sim o sonho editado.

... as tatuagens de meus gatos foram feitas anos atrás... Hoje não se pode perder nada nesse mundo onde tudo está acontecendo aos nossos olhos, andar na contramão sob pena de estarmos perdendo o que todos já têm ou já sabem... Mas, na verdade, o que se perde? Já respondo: um nada! Um nada... acabo de pensar e de dizer: tudo é um nada e nada é tudo! ...a palavra nada, tem, sim, um forte tom emocional. Estou vendo...

No princípio da análise, revelou a necessidade de superar o silêncio, o isolamento e um personagem nadinha, projeção dele mesmo em sua autoimagem. Com as tatuagens “criaria” o personagem fodão, cuja função deveria ser a de promover aceitação social e superar o personagem nadinha.

... sempre tive medo de coisas novas, não me importava com conhecimento e vivia minha burrice de forma sofrida, mas tranquila... um nadinha protegido sem problemas, mas com um quilo de problemas... continuo sufocando minha curiosidade para evitar... assim é como me anulo, sim! E viro um nadinha de curiosidade, sem problemas e com quilos de problemas. Sim! Mas com as tatuagens irei me tornar fodão e impressionar. Foi assim com as tatuagens dos gatos... Meus amigos não tinham coragem de se tatuarem. Eu fui o primeiro e me tornei fodão... sim, talvez um fodão entre aspás, mas funcionou.

Com o passar do tempo e no desenrolar das sessões, comecei a sentir um certo desconforto diante de aparentes avanços que rapidamente sumiam como *sombras* quando não há mais luz, tudo voltando à estaca zero. Como num círculo vicioso. Parecia-me ouvi-lo

dizer que estava feliz com a análise como se ali fosse o lugar protegido do nadinha sonhando com o fodão. Este parecia mais um personagem Godot que nunca chegava. Era um permanecer protegido na “burrice e no silêncio”, no não conhecer nem ficar ameaçado pelo novo analítico. Realizações como ir com a namorada para aula de dança, ir para a academia de ginástica, para uma atividade esportiva aos sábados, que aconteceram no decorrer da análise e pareciam êxitos significativos, nunca estiveram vinculadas ao fodão.

Dizia sofrer pelo seu corpo magro e sentia-se envergonhado quando ia em alguma festa e dançava de forma desajeitada. Na *parede mental* que eu me tornava, ora sim, ora não, a figura prevalente era a do nadinha. O fodão, como disse, “não dava as caras”, muito menos por conta daqueles “êxitos”. Entretanto, a sensação era a de que ele, o fodão, estava sempre por ali presente entre nós. Supus que talvez não existisse o nadinha e, sim, apenas o fodão que se vestia de nadinha por conveniência.

... e se é com esse (o nadinha) que está conversando? ...acho que sim! ... Fodão com a voz do nadinha? Agora, isto não sei... arrogância, disfarce do arrogante... eu?

... continuo esperando pelo fodão, meu delírio saudável de grandeza. Na verdade, nada vai mudar. Não me vejo com saídas. Não enxergo futuro... burrice? ... Não estou num carrossel? A questão sobre qual eixo gira meu carrossel me parece interessante... qual? Talvez o medo de entrar numa montanha russa... não gosto muito de ideias que se dizem novas, como essa sua de que não há nadinha e sim um fodão, arrogante... disfarçado de nadinha.... Mas estou aberto.

De um lado, a análise dava a impressão de acontecer numa relação transferencial atravessada por contexto emocional edipiano, parecendo ganhar aprofundamentos; de outro, a *resistência nadinha/fodão* quanto a deixar fluir sua curiosidade dirigida ao mundo interno manifestava-se na neutralização de insights ao fazer o carrossel girar.

... eu era *magricela*, um nadinha, e tinha vergonha de meu corpo. Precisava me mostrar fodão. As tatuagens eram para isto. Chocar a

sociedade. Criei o personagem para me sentir seguro. O fodão que transgredia regras e escondia a vergonha de mim mesmo... o fodão funcionou, ganhou massa muscular, mas não veio para ficar... O corpo magricela/musculoso dará lugar ao corpo que será uma galeria de arte, e dessa forma passarei a ter importância. Serei fodão? ... Depois de tanto rejeitar meu corpo agora irei lhe dar um sentido e um valor estético ... Galeria de arte! (risos) Acervo particular... Tatuagens vieram a partir da marginalidade para ser assimiladas como arte pelo sistema. Tudo começa na marginalidade.

... não, não conheço a peça do Godot, mas sei da história... Fodão-Godot? Ele precisa aparecer. Não viajei para o exterior, ainda, por medo de não ser capaz de me comunicar, apesar de falar inglês. Sim... nadinha-fodão e fodão-nadinha, a mesma coisa? Você acha que são como irmãos gêmeos...

Se vai acontecer no decorrer da análise? ...você como uma tela onde vou projetando o fodão para que eu fique olhando para ele e curtindo? ... Curtindo arrogância? (risos). Interessante... Eu tatuador de minhas fantasias em você? Não seria o contrário, você analista-tatuador? É uma boa...

... estou em dúvida sobre quem está falando, se o nadinha ou fodão...

Fui muito machucado pelo nadinha, pelo *magricela*... Agora é a hora do fodão, com tatuagem ou não, só que é para ficar de vez... estou girando no carrossel... A análise vai me ajudar nesse projeto, até porque tenho podido pensar coisas de maneira diferente. Posso estar indo para um novo carrossel?

... Meu passado não é somente fonte de lembranças ruins... Como o futuro não é somente o que espero de bom da vida... O passado uma prisão no nadinha. Presente e futuro dependem do fodão... ou, como diz você, dependem de minha escolha entre carrossel e montanha russa... Você me diz que ao mesmo tempo que quero que você seja meu tatuador quero tatuar em você meu fodão e meu nadinha (risos)... Não sei como é fodão em sua imaginação... Se eu quero controlar sua imaginação? Para que controlar sua imaginação?... Admito, sim, que a gente está sempre correndo para nosso mundo imaginário e fodão é uma criação minha. Ele existe em minha

Este parecia mais um personagem Godot que nunca chegava. Era um permanecer protegido na “burrice e no silêncio”, no não conhecer nem ficar ameaçado pelo novo analítico.

imaginação. Agora, ele existe também na sua imaginação. Consegui! (risos). Já o nadinha... Também posso fazer alguém pensar que sou um nadinha. O que pensa você? Você pensa que eu sou mesmo o nadinha/fodão, não é?

... sim, você tem que viajar comigo em minhas utopias... Carrossel de utopias... Cultivo antigas utopias, às quais permaneço aderido. Saio da utopia nadinha para a utopia fodão e depois volto ao nadinha... Seu paradoxo: o fodão não é nada, portanto, fodão é o nadinha; e o nadinha é o fodão porque faz as pessoas pensarem o que ele deseja que pensem. E tudo termina em nada. Nadinha é, portanto, o fodão... Godot? Apenas utopias. Um verdadeiro carrossel... Uma análise carrossel para realizar a utopia fodão... deixe-me pensar... Desde menino sonho em ser o fodão. Magricelo, envergonhado, em vez de fodão me isolava como nadinha. Agora não! Ser uma galeria de arte é ser fodão? ...girando o carrossel... Ainda escuto o menino nadinha aqui na cabeça (risos). Os dois enganam... Essa é minha arte?

Também tinha uma outra boa razão para essas utopias. Me dava medo pensarem que eu era veado. Minha relação com meninas é um outro capítulo que temos que trabalhar. Tinha que contar para a turma quantas meninas eu peguei. Aumentava horrores o número! Criei fama de fodão sem ser. Acho que escapei do rótulo de veado, que eu mesmo me rotulava... Agora quero apagar esses rótulos, o nadinha, magricela, veado que estão sempre reaparecendo, como o do fodão que nem era rótulo, era só o ponto de volta ao nadinha. Carrossel, né? De fato, uma boa imagem essa do carrossel, mas de filme de terror ...

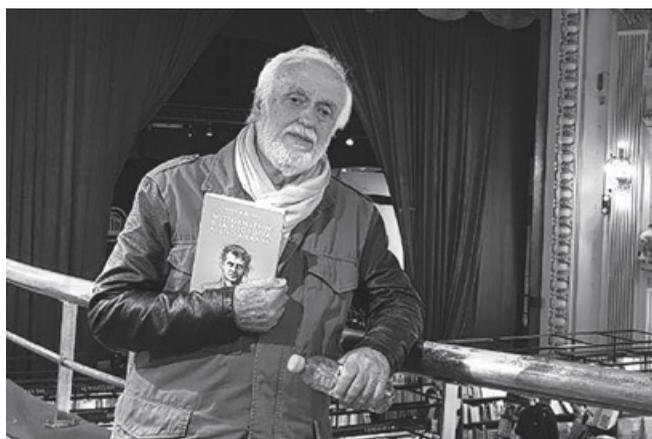
Você sabe... nada mais diabólico do que rotular pessoas. Rótulos como gay, lésbica, LGBT. Cada um tem o direito de ser o que é e pronto. Rótulo não é tatuagem, porque tatuagem é arte, tem criatividade. Rótulo não. Agride. Nadinha era ou não rótulo... não sei. Naquela época busquei um falso fodão, uma tatuagem imaginária... Tenho que continuar pensando se galeria de arte é minha saída do carrossel.

... Na seção onde eu trabalhava, nosso programa estava defasado em 10 anos. Neste novo lugar há uma equipe buscando ferramentas novas que possam nos tirar do

atraso. E as resistências? Chamaram-me para ensinar meu antigo grupo. Mas há de fato muitas e poderosas resistências contra as novas ações... estou muito estimulado... sobre mudanças comigo mesmo? Sim, desejo substituir ações velhas, rótulos ou não, antigos, mas tenho resistências internas, você diz... Sair do carrossel nadinha-fodão que me leva de volta ao nadinha/fodão. Já disse que o fodão era só um delírio de grandeza, e o nadinha, delírio salvador da burrice? Foi sempre um carrossel... um carrossel diabólico... carrossel da morte. O negócio é sair desse velho carrossel. Mas para isto é que estou aqui, né?

O carrossel continua a girar com as sombras do nadinha/fodão projetadas em minha parede mental: imaginação sem sonhos e sonhos sem imaginação. Entretanto, carrossel, eixo, montanha russa, pensar diferente são, diria, imagens ou ocorrências oníricas que escaparam e escapam ao fusio-namento aprisionador.

“A história da alma de uma pessoa, por mais mesquinha que seja, quase chega a ser mais curiosa e mais útil que a história de um povo inteiro, particularmente se ela for fruto da observação de uma mente amadurecida e se ela for escrita sem o intuito vaidoso de despertar simpatia ou admiração” (Mikhail Liébemontov, 1840).



Márcio Nunes de Carvalho é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília

PSICANÁLISE E PACTO SOCIAL

Veridiana Canezin Guimarães

Nos últimos meses, penso que todos nós que trabalhamos com psicanálise e que escutamos singularmente a subjetividade humana, nos deparamos com narrativas tomadas pelos acontecimentos políticos e sociais em nosso país. A tese freudiana continua atual, isto é, os aspectos culturais e sociais que plasmam a realidade são elementos importantes para que possamos compreender suas reverberações no psiquismo, no funcionamento mental.

No intuito de pensar os destinos pulsionais e a esfera social, me lembrei de um interessante artigo que Hélio Pellegrino publicou em 1983, intitulado *Pacto edípico e pacto social*, que parece bastante atual para se pensar a manifestação do ódio, da violência e da intolerância na nossa cultura. Segundo o psicanalista, o pacto estabelecido entre o sujeito e a cultura afirma a renúncia daquele aos seus impulsos sexuais primários para, em contrapartida, ser incluído no mundo da cultura. O pacto social é a oportunidade de, afirmando a renúncia pulsional, o sujeito aceitar o princípio da realidade, articulando para si a via do trabalho. Diante da renúncia pulsional colocada como condição para ser aceito membro da sociedade, o sujeito renuncia ao princípio do prazer ao oferecer a essa mesma sociedade o seu trabalho e a sua competência. Em contrapartida, a sociedade deve possibilitar-lhe o direito de receber o que precisa para manter sua integridade física e psíquica.

Os dois pactos têm uma relação estreita. Se um não se estabelece, ou se estabelece de forma precária, condutas antissociais poderão surgir. De outro lado, se a sociedade não cumpre o pacto, isso terá força para ameaçar o pacto edípico instituído no inconsciente do sujeito. Nessa hora, o pacto

edípico, que exigia do sujeito um recalque dos impulsos sexuais e agressivos, será lesado. E, como consequência, a volta do recalcado trará à tona impulsos agressivos, parricidas, homicidas, incestuosos.

A aceitação da lei da cultura, dizia Pellegrino (1983), tem que abrir para a possibilidade de ganhos fundamentais. Assim, também o pacto social não pode deixar de criar para os homens direitos inalienáveis. Se os direitos do homem são desrespeitados e aviltados, o pacto social pode romper-se, implicando gravíssimas consequências. A sociedade só pode ser preservada e respeitada pelo homem na medida em que o respeite e o preserve. Caso contrário, vai implicar no rompimento da barreira que impedia a emergência dos impulsos delinquentiais pré-edípicos, predatórios, parricidas, homicidas e incestuosos. Há uma verdadeira volta do recalcado. Tudo aquilo que ficou reprimido ou suprimido – em nome do pacto com o pai – vem à tona sob forma de conduta delincente e antissocial.

Temos ainda uma sociedade profundamente hierárquica, marcada por uma desigualdade social e econômica, que claramente sustenta uma violência cotidiana, e que não atenta, sobretudo, ao exercício dos direitos humanos. A teoria psicanalítica, nesse sentido, afirma a necessidade do pacto edípico em direção ao pacto social. De um lado, a coerção interior levada a cabo pelo superego, herdeiro do complexo de Édipo, para impedir desejos incestuosos e de parricídio. De outro lado, a possibilidade do exercício da sexualidade e da agressividade no contexto de um grupo social que acolhe o sujeito. Cabe à cultura a contrapartida do investimento pulsional, para, assim, regular as trocas e sustentar as ofertas.

Freud (1930) enfatizou que um dos papéis fundamentais da cultura é o de regular os relacionamentos sociais, de criar regulamentos que não permitam o aniquilamento entre os homens. A economia libidinal precisa ser atendida e as formações do eu têm de encontrar condições de conexão e sustentação. E como pensar a cultura sem essa função conectiva? Sem essa função da cultura, cabe mais espaço para atuar nela mesma os impulsos de destruição e desligamento. Diante da impossibilidade de eliminar as inclinações agressivas e destrutivas do homem, principal expressão da pulsão de morte e constantemente anunciada nas relações humanas, não há outra saída senão construir formas de oposição à destrutividade, ou seja, trabalhar obsequiando Eros, favorecendo os processos de ligação e simbolização das inscrições pulsionais. O processo civilizatório é visto, portanto, como um processo de constante rejeição aos processos destrutivos, até porque sua livre circulação corresponde a um fracasso da civilização na coerção das pulsões e à dissolução do contrato social. Portanto, garantir a vida de todos nós é a garantia da nossa própria humanidade.

Várias instituições de psicanálise reafirmaram recentemente, por circunstâncias de nosso contexto político atual, seu posicionamento em favor da democracia, da diversidade, do respeito às diferenças e do pluralismo de ideias. A psicanálise é política, não partidária e seu exercício ético é indissociável dos valores humanos fundamentais. A associação livre, regra fundamental da psicanálise, ainda que não seja tão livre assim pelos ditames supergoicos, é uma prerrogativa no horizonte diário da prática e do fazer psicanálise. Trabalhamos com a aposta no diálogo como ferramenta essencial de comunicação e convivência.

Mais do que nunca, é preciso assegurar condições de convivência respeitosa que fortaleçam as instituições e os sujeitos contra os perigos do obscurantismo moral e religioso, que levam à segregação, ao medo e, em última instância, à coisificação do humano. A psicanálise sustenta-se como um espaço do livre exercício da palavra, a palavra que circula, que nomeia a experiência, que aposta na força criativa da palavra. Que o encontro analítico permaneça como possibilidade de subjetivação da experiência humana e como espaço de ressignificação e construção de significados.

Qualquer coerção à liberdade de expressão vai de encontro à ética da psicanálise, para quem a palavra *cura*. A psicanálise trabalha a favor de Eros. Precisamos resistir à barbárie anunciada por um modelo em que, como escreveu Eduardo Galeano, “as pessoas estão a serviço das coisas”. A consequência disso tem sido a coisificação do próprio humano, incapacitado de se reconhecer no outro e no diferente.

A dissolução do contrato social, ora em curso, tem potencial para abrir a Caixa de Pandora representada por nossas paixões e ódios incontidos. Diante da fragilidade do humano, do ineducável dos impulsos sexuais e agressivos, da impossibilidade de governança numa sociedade fragmentada e ressentida, seguimos sonhando e lutando por justiça social e liberdade.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Pellegrino, Helio. (1983). *A burrice do demônio*. Rio de Janeiro: Rocco.



Veridiana Canezin Guimarães é psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica e Cultura, membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Bicudo da SBPbSb, professora do curso de Psicologia do Centro Universitário UDF.

TEMPO.

TEMPO.

TEMPO.

Marina Reifschneider

Vivemos preocupados contando o tempo, perseguidos pelo passado, lamentando o tempo perdido, esperando o futuro, certos de que cedo ou tarde nosso tempo acabará. Ele nos ameaça e domina; nos une na certeza da morte. Tempo, fonte de angústias. Talvez por isso a busca por religiões, pois estas falam de eternidade, prometem um tempo além desse efêmero em que vivemos mergulhados. Talvez possamos pensar o tempo como Vinícius o amor – *eterno enquanto dure*.

Mas afinal o que é o tempo? Agostinho nas *Confissões* disse saber, mas quando lhe perguntavam o que era, não sabia responder. Pensamos o tempo em termos de passado, presente, futuro. O senso comum nos diz que para nós o tempo começa no dia em que nascemos e termina no dia em que morremos. Será? Não seria nosso início a concepção? Ou seria o dia em que nossos pais se conheceram? O início é um instante arbitrário, assim como o fim. Vemos o mundo a partir de artifícios, de convenções sociais. Entretanto, curiosamente, o Gênesis afirma “do pó para o pó”. Um passado e um futuro que se confundem.

Pensamos o presente como resultado do passado e o futuro como resultado do presente. Causa e efeito. Será mesmo que os eventos ocorrem inevitavelmente? Ou seria isso uma ilusão que nos aplaca a consciência, um ardid que nos isenta de responsabili-

dades? Qualquer evento, por fútil ou grave que seja, acontece no presente. O passado são lembranças de um tempo presente, o futuro sonhos de um presente que virá. Seremos de fato irremediavelmente fantoches de fatalidades, levados vida afora pelos caprichos do tempo? Não creio. Borges dizia: “O tempo é a substância de que sou feito”. Sendo assim, quando delatamos o passado pelo que acontece em nossa vida e à nossa volta é a nós mesmos que denunciamos. Não seria esse o não-tempo do inconsciente? Sentimos a força do passado pois não passou. Pensamos nossa história a partir de experiências emocionais. Na clínica percebemos esse fenômeno via transferência. O *passado* presentificado no setting analítico, o trauma repetido no aqui e agora possibilitando a ressignificação daquilo que nos mantinha cativos sob camadas de resistência, culpa e medo. Vivenciamos uma apropriação daquilo que conhecíamos sem saber e negávamos.

Aprendemos que os instintos nos movem: se tenho fome como, copulo para manter a espécie, se sou ameaçada luto ou fujo. Será mesmo? Afinal posso escolher não comer, não procriar, não lutar ou fugir. Posso escolher morrer. Não somos somente o animal em nós. Entretanto sentimos que algo nos move. Freud faz distinção entre instinto e pulsão, uma força no limiar da mente e do soma. Pulsão, o que nos impulsiona; *drive* – o que



nos guia. Entretanto, posso também decidir não ser guiada. Sinto ódio e não mato. Desejo, mas pondero entre satisfação e valores. Posso também não ser passiva quanto às pulsões, se me conheço.

Experenciamos o tempo. Não é algo fora de nós. Conectamos eventos a emoções. Isso é tempo: não eventos em sequência, mas camadas de afetos: ambição, inveja, amor, ódio. Sofrimento. Não o repetitivo, monótono, sequencial tempo do relógio e calendário. Tempo é vida e a vida é fluida. Eventos não acabam para que outros comecem – fluem. Eventos presentes não são causados por eventos passados; são aqueles quiçá modificados. Eu sou sempre eu – transformada. A menina que fui se tornou a mulher que sou. Estamos em processo. Na melhor das hipóteses nos modificamos. Na pior passamos a vida a repetir, patinando em um círculo vicioso. A vida é feita de verbos, não de substantivos. Por isso dizemos que estamos em formação. Se algo nos move,

penso que seja curiosidade. Curiosidade por conhecer, por nos conhecermos. A ela me entrego sem cobranças. É isso análise para mim – oportunidade de dar rumo à busca por quem sou, por quem almejo ser. Em dupla nos conhecemos, transformamos nosso mundo interno. Livres de amarras vislumbramos a liberdade de existir.

Se como sujeitos podemos nos libertar de uma cegueira auto imposta, por que como sociedade insistimos em existir nesse pântano de corrupção? Recentemente vimos nosso país se partir em dois. Cada lado a culpar o oposto. Esse racha ficou patente nas eleições, mas quando foi que começou? Fala-se em um antes e depois do impeachment, ou golpe, a depender de que lado estamos. Impeachment ou golpe? Palavras vêm carregadas de emoções. Dilma, herdeira do Lula – presidente operário que prometeu um Brasil sem corrupção. Estranhamente tal qual o atual. E quando foi que começou a corrupção? Em governos anteriores? Mas qual?

É sabido que o Brasil nasceu corrupto. Caminha, ao anunciar na famosa carta o descobrimento, pede ao rei um favor para um parente – primeiro ato de nepotismo em terras brasileiras? Público e privado já se confundiam na colônia. Corrupto também nasce o Reino Unido: ao desembarcar no Rio e receber de um traficante de escravos a Quinta da Boa Vista, D. João o torna “amigo do rei”, garantindo privilégios. Sim, a mesma Quinta cujo incêndio lamentamos e da qual nos orgulhávamos, fazendo vista grossa ao seu abjeto início! Daí para “conceder” títulos de nobreza por dinheiro foi um pulo. A “caixinha” e o “toma lá, dá cá” não são de agora. Um ditado da época dizia: *Quem furta pouco é ladrão, quem furta muito é barão e quem furta mais e esconde passa de barão a visconde*. Soa familiar? Onde a “nobreza” da contemporaneidade brasileira senão nos altos cargos dos três poderes? E a corrupção continuou no Império. Continuou ou veio do Império? Que império, o de D. Pedro ou o Romano? Nesse, “proteção” era cobrada dos camponeses por militares. Já dizia Sócrates, é muito mais fácil corromper do que persuadir. Onde o início, onde o fim? O início se perde no passado longínquo e seus efeitos se estendem ao futuro infinito. Eternamente? Clarice disse que “a eternidade é o estado das coisas neste momento”. Creio que seja.

E o estado das coisas é semelhante ao que vivia Castro Alves. Seguimos na mesma realidade dantesca. Nossa bandeira inda cobre infâmia e covardia. Ignorantes e alheios, das arquibancadas exportamos o Carnaval, triste festa-espetáculo onde a multidão desamparada cambaleia, chora e dança, geme e ri, delira e enlouquece, embrutecida pelos martírios do apenas sobreviver. Em noites vagarosas imagens desoladas saem dos noticiários povoando o escuro e eu que não creio, assim como o Chico, peito apertado, perplexa, me pego a rogar: *Senhor Deus dos desgraçados! / Dizei-me vós, Senhor Deus, / Se eu deliro... ou se é verdade / Tanto horror perante os céus?!...* Entretanto dizem que não temos mais escravidão. Será mesmo? As moradias duvidosas; o esgoto a céu aberto; a falta de médicos, remédios e leitos hospitalares; as

escolas sem banheiros, sem carteiras, sem merendas, professores mal pagos e malformados são a escravidão continuada. Em vez do açoite os senhores empunham corrupção. Imagino que a insônia que não os afeta sorrateira invade minha mente, espanta sonhos e o desalento se apossa de minha alma. Rogo sem crer mesmo sabendo que não serão os deuses, os mares, as tempestades ou os heróis do Novo Mundo a nos salvar. Nem esse novo governo. Nenhum governo.

E a psicanálise, qual seu papel social? Penso que se tem algo a oferecer é esse saber: assim como nosso mundo interno, a realidade em que vivemos somos nós que mantemos ou transformamos. Não é culpa do passado ou dos outros se permanecemos um país de terceiro mundo, mas responsabilidade de cada um de nós. É escolha de cada brasileiro individual e coletivamente. Nossa história corrupta não determina nosso presente ou limita nosso futuro como nação se ousarmos nos conhecer, responsabilizar, implicar. É preciso admitir que ao nosso povo humilde falta tudo que tomamos por certo em nossas vidas privilegiadas. Acesso à moradia, saúde e educação é o mínimo que devemos. E aos nossos governantes, legisladores e juizes que, como nós, tiveram e têm acesso a muito além do essencial, penso que falta empatia. Falta poesia. Pois como permanecer imune ao sofrimento alheio tendo lido *O Navio Negreiro*?



Marina Reifschneider é membro do Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

DO FAX À CARTA DA CARTA AO ENCONTRO EVOLUÇÕES

ENTREVISTA COM JOSÉ CARLOS CALICH

Por Paola Amendoeira e Carlos Frausino

Em sua visita à Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb), no segundo semestre de 2018, o psicanalista José Carlos Calich, membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), do Comitê Científico da Fundação Jean Laplanche e professor da Universidade de Nova York (NYU), conversou com os colegas Paola Amendoeira e Carlos Frausino para o *Jornal Associação Livre*. Calich é um psicanalista que transita com profundidade pelas várias vertentes do pensamento clínico, de forma crítica e autoral. Nos últimos anos, tem-se dedicado, entre outros temas, ao estudo e à divulgação do pensamento de Jean Louis Laplanche. Além disso, tem intensa atividade editorial – de 2000 a 2003, foi editor da *Revista de Psicanálise da SPPA*; de 2012 a 2017, editor pela América Latina do *International Journal of Psychoanalysis* e é membro de diversos conselhos editoriais no país e fora dele. Tem também continuadas participações teóricas e clínicas em Sociedades e instituições nacionais e internacionais. Foi passando por esses mares que a conversa leve e fértil fluiu, cujos principais trechos apresentamos nas próximas páginas. Boa leitura!

JORNAL ASSOCIAÇÃO LIVRE • Como foi o processo de aproximação de Jean Louis Laplanche e de seu pensamento?

JOSÉ CARLOS CALICH • Em 2002, quando eu era editor da *Revista de Psicanálise da SPPA*, resolvemos fazer um número especial com o tema “o Inconsciente” e decidimos convidá-lo



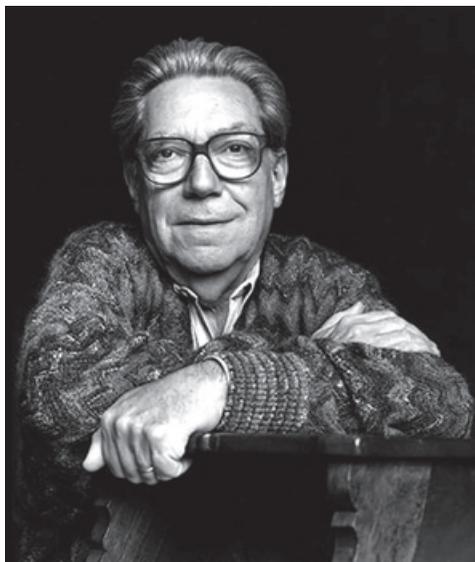
José Carlos Calich

para escrever um artigo. Fiz o convite por fax, o meio de comunicação mais ágil da época. Educadamente, me respondeu, agradeceu o convite, mas afirmou que já havia escrito e falado tudo o que pensava a respeito e que não tinha mais nada a acrescentar sobre o tema. Fiquei desapontado com a resposta. Mas, após refletir, escrevi uma longa carta a ele. Era uma nova tentativa de ter sua participação

na *Revista*. Fiz uma revisão dos seus escritos nos últimos anos e sugeri que alguns tópicos, de seus artigos mais recentes, pareciam não ter ainda sido sistematizados e integrados. Ele não respondeu. Fiquei com a ideia que nem os tinha considerado! Seis meses depois, recebi uma ligação do próprio Laplanche. Do outro lado da linha ele me falou: *tua carta me provocou pensar e discutir com alguns colegas e reescrevi minha teoria sobre o 'inconsciente'. Gostaria, assim, de saber se ainda tens espaço para publicar minha nova teoria na Revista*. Eu, entre o perplexo e o exultante, obviamente concordei e o artigo original foi então publicado na *Revista de Psicanálise da SPPA*, nº 3, vol. 10. 2003.

A partir deste momento, passamos a ter um diálogo, cada vez mais frequente, por meio de correspondência, quando trocávamos opiniões e dúvidas (obviamente mais minhas do que dele) sobre questões teóricas e comentários sobre trabalhos a serem publicados. Após alguns anos, tive um primeiro convite que muito me surpreendeu. Laplanche estava cumprindo 80 anos e uma revista francesa estava publicando um número especial em sua homenagem. Fui incluído como autor de um artigo que comentava a nova teoria do Inconsciente de Laplanche e ele escreveria respostas a todos os participantes. Fui o único não europeu da publicação. (Calich, J.C., « Pour faire travailler » la topique laplanchienne. *Psychiatrie française*, XXXVII, 3-2006, « Le concept d'inconscient selon Jean Laplanche », p. 34-44 e Laplanche, J. « Réponse à José Carlos Calich ». *Psychiatrie française*, XXXVII, 3-2006, « Le concept d'inconscient selon Jean Laplanche », p. 34-44.)

Continuamos nossas trocas e em 2008 veio um segundo convite, para mim também surpreendente. Ele me convidou a ir à França apresentar um trabalho na *Jornada Jean Laplanche* sobre *Sonhos*. Ao chegar lá, fui notificado que ele colocou meu trabalho na abertura da jornada e, ao terminar o encontro, convidou-me a compor a Comissão Científica da Fundação que ele estava criando e finalizando sua organização. Sou o único da América Latina dentro desta Comissão. A partir desse momento, minha interação com Laplanche e suas ideias foi se intensificando



Jean Laplanche aos 60 anos

e estas, para mim, se tornando cada vez mais interessantes.

AL – A tua trajetória profissional leva você a ter um olhar acerca da produção psicanalítica em vários países. É possível identificar particularidades e especificidades da forma de trabalhar do psicanalista brasileiro?

CALICH • Não consigo identificar uma forma brasileira predominante de trabalhar. Formas de identificar “bases comuns” (*common grounds*) nas teorias e técnicas psicanalíticas ao redor do mundo e na história da Psicanálise esbarram em variáveis tão complexas, que comumente chegamos à ideia de que o que temos em comum é trabalhar com a noção de inconsciente e de transferência. Só que em seguida chegamos à ideia de que não há conceitos únicos, nem para um nem para outro, e que no momento cultural atual da humanidade um exagero do relativismo torna ainda tudo possível, aumentando a babelização. Então o tema por si só é difícil.

No Brasil, temos grupos psicanalíticos com influências teóricas e culturais muito diferentes e com trajetórias institucionais e de ensino bastante distintas. O grupo de Brasília, os grupos do Rio, os grupos de São Paulo, os grupos de Porto Alegre, que devem ser os maiores, não têm o mesmo trajeto e, mesmo que tenhamos trocas, elas são limitadas e nossas práticas são muito diferentes. O grupo de Porto Alegre, por exemplo, que está com 60 anos de existência, foi muito influenciado em sua história pelas duas maiores associações de Buenos Aires (APA e APdeBA). É com quem tivemos grande interação em nossa origem

No Brasil, temos grupos psicanalíticos com influências teóricas e culturais muito diferentes e com trajetórias institucionais e de ensino bastante distintas.

e ainda temos muitas trocas. Nossos fundadores se analisaram e supervisionaram lá e muitos dos principais pensadores argentinos vinham com frequência a Porto Alegre. Logo, a influência deles foi muito grande.

Nosso grupo começou kleiniano-argentino. Nos anos 80, iniciou-se uma troca importante com os kleinianos atuais e muitos estiveram em Porto Alegre, fizeram muitas conferências, seminários, supervisões e supervições continuadas. Porém, só nos anos 90, Bion, Meltzer e Winnicott entraram oficialmente como disciplinas dos seminários de formação. E somente no século XXI as teorias de campo e os autores franceses começaram a ter relevância. Entretanto, nosso contato com autores americanos é muito restrito (exceto Ogden e Grotstein) e alguns que têm influência em algumas Sociedades brasileiras, como Kohut, são praticamente desconhecidos em Porto Alegre. Nenhum de nossos analistas fez sua formação na Europa ou nos Estados Unidos. Nosso currículo teórico para formação psicanalítica é muito abrangente, realmente pluralista, mas, ao contrário da maioria das Sociedades, não temos disciplinas optativas todas são obrigatórias.

Poderia, em cada um dos itens que mencionei, traçar comparativos com outras Sociedades e ficariam evidentes as grandes diferenças. Além disso, a relação das Sociedades com a cultura local e com outras disciplinas, incluindo a psiquiatria, também é muito diferente. As demandas de cada lugar são diversas e as soluções encontradas fazem parte e constituem uma identidade local, que não se adaptaria a outras regiões.

Talvez o que nos una de forma mais marcada seja exatamente o pluralismo. Nossas Sociedades e nossa cultura são mais plurais. Alguns dizem que isso é resultado de uma mentalidade de “colonizado”, mas não tenho certeza de que isso explique todo o fenômeno.

Vou dar três exemplos que resultam em termos “diferentes”, ainda que muito esquemático e reducionista. Os franceses (que tampouco são um grupo homogêneo), têm uma tendência a dominar profunda e cuidadosamente a metapsicologia freudiana (e alguns a lacaniana) e mesmo os grupos dentro do pensamento francês são fortemente influen-

ciados por essas duas. A tendência dos grupos é ler autores franceses e desenvolver novos pensamentos a partir desses autores. Ingleses, americanos e latino-americanos são pouco conhecidos, exceto o pensamento de Bion e Winnicott, que André Green introduziu numa genial interação com a metapsicologia freudiana. Não há essa tendência plural.

Os ingleses, da mesma forma, tendem a ler ingleses (dentro de seu grupo identitário) e ainda que nos últimos anos haja uma maior interação e leitura de outras fontes, dificilmente poderiam ser chamados de pluralistas.

Os norte-americanos raramente conhecem, citam ou interagem com autores que não sejam norte-americanos e desenvolveram escolas freudianas e relacionais/intersubjetivistas próprias. Novamente, o conceito de pluralismo fica muito comprometido.

Aqui, transitamos por quase todos, dentro de limites culturais/regionais. Por exemplo, Lacan entrou no currículo da Sociedade de Porto Alegre somente nos últimos 10 anos e mesmo assim o conhecimento grupal ainda é muito restrito. É claro que esse trânsito de várias vias cria teorias implícitas a cada região e a cada psicanalista, diferentes dos outros lugares, mas acho difícil imaginar que haja dentro de nosso país continental uma marca de identidade, principalmente técnica.

A mim não agrada a ideia, bastante difundida fora daqui, de que somos mais permis-



Laplanche na última reunião do Comitê Científico antes de sua morte. À direita de Laplanche, em pé, está Calich

sivos, menos rigorosos e que nossa pluralidade é sinônimo de superficialidade. Tampouco acho razoável que criemos intelectualizações para defendermos esses pontos de vista. Se há algo de realmente criativo, inovador e que seja uma tendência nossa, creio que ainda deva ser cuidadosamente identificado e estudado.

AL • Aproximando-se um pouco mais das ideias de Laplanche, qual a relação Laplanche e Escola Francesa?

CALICH • A Escola Francesa, como já disse, não é homogênea e não há um pensamento francês predominante. Na França, como no mundo inteiro, existe um forte grupo lacaniano; um grupo por muitos chamado de neofreudiano; grupos mais ligados ao pensamento bioniano; ao de Winnicott; grupos que se desenvolvem a partir do pensamento de Green; um forte pensamento sobre psicossomática, dentre outros. Não há um pensamento predominante. Mas, como mencionei anteriormente, há uma marca francesa, que se deve ao fato de terem sempre um estudo da metapsicologia freudiana muito metódico e aprofundado. Como um todo, partem de um pensamento metapsicológico freudiano sólido. São muito rigorosos com relação a isso e saliento aqui que rigor é muito diferente de rigidez. Muitos fizeram o pensamento de Freud trabalhar e evoluir, como o próprio Lacan, a escola psicossomática, Green, e antes, De M'Uzan, Didier Anzieu, Piera Aulagnier, Bergeret, Granoff, Perrier, Fain, Janine Chasseguet-Smirgel, Grunberger, Guy Rosolato, Pontalis, dentre muitos outros.

Laplanche tinha um conhecimento de metapsicologia impressionante, talvez uma das pessoas que mais dominavam a metapsicologia freudiana. Basta ver o imprescindível *Vocabulário de Psicanálise*, que escreveu com J-B Pontalis. Mas ele se considerava um fiel/ infiel a Freud. Fiel porque valorizava muito as descobertas freudianas, a riqueza de seu método de investigação e as inúmeras conjecturas geniais que fez; infiel, porque achava que muitos conceitos se desviaram de seu ponto de origem por uma série de motivos e precisavam ser revistos. Ou porque Freud fez um desvio “biológico” (como o conceito de pulsão

ou de sexualidade infantil), ou porque tentou adaptar seus achados à ciência da época (por exemplo, as tentativas de encontrar relação do psiquismo com a mecânica, a hidráulica, ou a física), ou porque não valorizou o que ele, Freud, teria descoberto na origem (a teoria do trauma, por exemplo). Laplanche estudou por muitos anos em sua disciplina na Sorbonne cada um dos conceitos freudianos (toda a coleção *As Problemáticas* é sobre isso), “colocando Freud a trabalhar”, não o tomando apenas como figura de autoridade. Esse “colocar a trabalhar” é uma expressão sua que se tornou um emblema de seu método, significava regressar à origem dos conceitos, compreender sua motivação e função na teoria e fazê-lo novamente evoluir, sem os desvios.

Assim, teceu um novo caminho metodológico, que resultou em uma teoria própria, a *Teoria da Sedução Generalizada*. Ela é uma evolução do pensamento freudiano – de acordo com Laplanche, ligada aos alicerces freudianos – e indiscutivelmente francesa. Ainda que tenha diversos pontos tão originais (como a origem da pulsão não estar no instinto ou na biologia, mas ser oriunda da sexualidade do outro), que os outros franceses – assim como em um primeiro impacto os outros psicanalistas, em geral – tendem a rechaçar. Em parte, porque a teoria de Laplanche ficou pouco conhecida com uma tendência a não ser compreendida, por falta de aprofundamento em seu estudo.

Um fator facilitador é que Laplanche não tinha recursos somente oriundos da psicanálise. Como muitos sabem, era um vinicultor, com um vinho de excelente qualidade e sofisticação. Não dependia economicamente da psicanálise e isso lhe dava também uma independência maior. Porém, sua forma de ser era assim, facilitada posteriormente pelos recursos financeiros.

Quanto a isso quero desfazer uma das intrigas comuns sobre Laplanche. Há um boato constante de que não tinha clínica e que sua falta de contato com pacientes o fez criar uma teoria filosófica do inconsciente. Em primeiro lugar, tinha clínica. Não necessitava manter uma clínica tão numerosa quanto outros, mas até uma certa idade sempre teve pacientes em análise. Em segundo lugar,

Laplanche estudou por muitos anos em sua disciplina na Sorbonne cada um dos conceitos freudianos (toda a coleção As Problemáticas é sobre isso), “colocando Freud a trabalhar”, não o tomando apenas como figura de autoridade.

UM TARDIO EPITÁFIO

Avelino Neto



Preiro o resguardo, por isto não cito o nome do amigo e colega que se foi, por respeito a sua memória em mim.

Esse amigo e colega decidiu, um dia, por motivos particulares que não me cabe revelar, fechar o consultório, à época sabidamente o mais frequentado e invejado nessa cidade artificial, sem alma própria e cheia de almas vivas. E decidiu ser o que ele mesmo denominou de “psicanalista Avon”, em referência aos vendedores dos produtos daquela marca: ir de casa em casa!

À época, o amigo foi alvo de chacotas e até motivo de certa piedade mordaz por parte de psicanalistas e... curiosos.

Sonhei ontem com ele.

Ria muito, e me preparava uma até hoje inimitável caipirinha de limão siciliano, enquanto colocava, com maestria e gotas de suor, pedaços de papel higiênico sobre a feijoada para retirar os excessos de gordura. Que habilidade! Tocava de leve a mão envolta no papel na superfície e retirava, sem deixar traços! Puro sabor!

Acordei e vi uma comparação que confidência com os vivos. Associei aquilo que o amigo fazia, de casa em casa, com a moderna psicanálise via internet. (Já ia colocando tal psicanálise entre aspas e me contive. Seria pura implicância preconceituosa, mesmo

porque só tenho experiência com psicanálises fora de aspas e não posso falar do que não sei. Mas, como sabemos, quem não sabe imagina e o que escrevo é pura imaginação.)

Afinal, sugeriu-me o sonho, não é tudo a mesma coisa?!

Qual a diferença entre psicanálise Avon e psicanálise *internáutica*? Primeiro, as semelhanças: ambas são na casa do freguês! Outra, o produto é pago. Pode haver outras.

A diferença: psicanálise Avon é entre vivos vivos; carnes, ossos e almas presentes sob o mesmo teto.

Claro que é bastante possível, e é o que se faz, realizar análises por internet. E mais: quanto mais preparo psicanalítico tiver o analista internauta, mais formação, mais psicanálise pessoal, mais leituras, melhor habilitado estará a participar de análises à distância. Desculpem tantas digressões, mas ocorreu-me, neste ponto, o filme, de homônimo livro, *Nunca te vi, sempre te amei*. Bem, acho que por isso mesmo... Conviver é turbulento e desafiador.

Voltando, às vezes pensei que psicanálise é algo que se parece com a vida, imitando Bion que disse, algures, que se algo não se parecer com a vida não é psicanálise! Que me perdoe o grande mestre, onde quer que esteja, mas... Não! O psicanalisar, função da psicanálise, não se parece com a vida. É vida! Vida que se vai operando segundo as leis pétreas da natureza material e psíquica. As nossas leis, são, diante daquelas, meras medidas provisórias, simulacros diante de situações que pressionam arranjos imitativos e imediatos de vida. Acontece! Novamente, associo Bion nos dizendo que drogas são usadas por quem tem pressa. E, há drogas e drogas. Drogas tentam substituir realizações, nem sempre possíveis. Elaborar requer tempo. Nós, psicanalistas, sabemos disso mais que outros; fizemos, fazemos e refazemos nossas psicanálises pessoais.

Psicanálise é um dos apelidos que se dá a uma particular relação entre vivos, ao vivo!

Ocorreu-me agora que eu e o Borges nunca nos vimos (talvez por sorte minha porque, como nos disse Schopenhauer, jamais queira conhecer o autor de suas leituras prediletas: vai se arrepender!). Mas confesso que a leitura e releitura de seus livros em minha cabeceira faz-me sentir um dos personagens, o oculto, em suas obras primas. Uma delas, não por acaso, *Funes, o imaginoso*! Imaginar é sempre possível. Difícil é manter o pé, a conscientização de que se está imaginando, quando ela é o que nos resta e nos é possível. Do mesmo modo que é possível fazer psicanálise viva, é possível imaginar que se façam análises outras, quando vida, ao vivo, seja impraticável.

Padre Vieira disse, em uma de suas cartas aos amigos: “Quem está vivo sempre aparece, ou escreve cartas.”

No tempo dele não existia internet! E ele devia imaginar que as cartas iriam chegar aos seus destinos, com a esperança de que os destinatários estivessem vivos. Quem não tem cão se vira com gatos, às vezes ratos, quando a premência é caçar para sobreviver!

Cadum é cadum, como se diz lá nos Goyases!



Avelino Neto é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

ERA UMA VEZ...

Taiza Andrade Calil Jabur

Quando vai dormir, me pede para ler “Dorme menino dorme”. Ao conversar, passa as páginas do livro... “o vaqueiro traz para o menino um balde de leite, mas o balde cai e o leite se esparrama”. Olha com certa tristeza e eu observo que não passa mais as páginas. De repente vira o livro e diz: “o leite voltou para o balde!” Alegre, sorridente, coloca o livro de cabeça para baixo, vira, desvira e confirma: “o menino vai tomar o leite!” Rimos da sua criação. Continua passando as páginas, cada gesto cria uma palavra ou uma série de palavras e emoções. Cada palavra dispara um outro movimento, uma outra página e assim chega o sono dessa criança.

Essa experiência me ocorre com um paciente adulto que vive um momento muito doloroso em sua vida.

– Acabou, não tem mais jeito, vazou tudo, derramou, c’est fini.

Relato a experiência vivida com a criança. Ele ri triste, fica em silêncio. Depois diz: “Tenho que aprender a dar uma virada na vida!”

Na sala de espera, tenho alguns livros infantis. Ao entrar no consultório, uma criança se movimenta pela sala, organizando um banco sobre o outro e me diz: “Vamos construir uma torre.” Enche o caminhão com blocos de madeira e os empilha em cima do banco. “Vamos fazer uma torre bem alta, muito alta.”

Muito cuidadoso, complementa: “Não pode cair.” Satisfeito, vai criando sua construção. Com rico e vivo sorriso, diz: “Conseguimos!” Digo que está orgulhoso de sua invenção.



Outra criança conta, alegre, que seu pai acabou de ler o livro do Pinóquio para ele:

– Você sabe como o Pinóquio tirou o Gepetto da barriga do tubarão?

– Como?

– Gepetto não podia mais andar. Estava cansado, velho. Pinóquio colocou-o nas costas. Saíram na ponta do pé.

Percebo que mistura com outro livro: “pé lá, pé cá e saíram nas pontas dos pés, sem fazer barulho, pela língua do tubarão”.

Collodi* deixa pouca dúvida de que concebia a si mesmo como duplo do boneco Pinóquio. Mergulha o boneco no tinteiro e usa sua criação para escrever sua própria história.

Na peça *Abraço*, os personagens atravessam um espaço quadrado onde não é permitido abraçar, contando histórias de encontros, de despedidas, opressão, exílio e, porque não, afeto e liberdade. O espetáculo não verbal, com telas de animação para narrar essa aventura, teve como ponto de partida *O livro dos abraços*, de Eduardo Galeano.

Observo as crianças e, num recado alto, torcem e ajudam os personagens, avisando para colocar água na árvore que está desfolhando. Em uma cena, a cabeça de um personagem é presa por uma gaiola. Assustada, uma criança conversa durante toda a peça

“Papai ela vai voltar?”

“Ela está presa?!”

Outro pergunta: “Ninguém recebe a flor? Por que joga no chão?!”

A peça respirava e se tornava viva. Observo que as crianças abraçam a peça, criando várias peças dentro de uma única. Vagar por ela é também vagar por nós mesmos.

Em um conto de Eduardo Galeano, no *Livro dos abraços*, o autor diz que “a uva é feita de vinho” e que “talvez a gente seja as palavras que contam o que a gente é”.

“Os poetas andavam em busca das palavras que não conheciam e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido.”

Em *Escritores criativos e devaneios* (1907-1908), Freud escreve: “A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brincar e os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reorganiza os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade? Seria errado supor que a criança não leva este mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispende na mesma muita emoção. A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior, geralmente de sua infância, da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga... Não se esqueçam que a ênfase colocada nas lembranças infantis da vida do escritor – ênfase talvez desconcertante – deriva-se basicamente da suposição de que a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil”.

Tomei o trabalho de Freud como ideia mãe.

Era uma vez...



Taiza Andrade Calil Jabur é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

* Carlo Collodi, pseudônimo de Carlo Lorenzini, criador de *As aventuras de Pinóquio*.

RELAÇÕES ABUSIVAS / E ASPECTOS PRIMITIVOS

Marina Abdalla de Souza Porto

Há pouco tempo ficamos perplexos com a notícia de que um homem, conhecido por cuidar de pessoas em suas dores mais profundas, em contrapartida, cometia abuso sexual. Durante o abuso dizia que era justamente aquela ação que tiraria a dor da pessoa. Centenas de mulheres foram violentadas e guardaram para si, sabe-se lá como, tal agressão. O silêncio, que por muito tempo protegeu o homem e maltratou tais mulheres, chegou ao fim.

A repercussão que essa história causou me fez pensar no silêncio de pessoas que não sofreram de fato esse tipo de abuso, mas se encontram em relações abusivas e não se dão conta disso. Quantas pessoas têm suas características mais marcantes e representativas de sua personalidade sendo diminuídas sem notarem a crueldade da qual estão sendo vítimas? Há ali um agressor e a pessoa nem se sente ameaçada. Será que não se sente? Não há mesmo naquela mente nenhuma desconfiança do que se passa? O que seria capaz de mantê-la em silêncio vivendo tal experiência? Pode-se chamar de silêncio algo que você quer a todo tempo fazer calar, fazer ter fim?

Ao falar de relação abusiva “silenciosa” me vem como ilustração o conto de 1697: o *Barba Azul*. Na versão fundida francesa e eslava (Estés, 1994), existia um homem com grande atração por mulheres. Cortejava três irmãs ao mesmo tempo, mas elas tinham pavor de sua barba com aquele estranho reflexo azul. Certa vez, convidou as irmãs e a mãe para um passeio na floresta. Enfeitou cavalos, contou-lhes histórias e serviram-se de deliciosas guloseimas. Viveram um dia maravilhoso.

“Bem, talvez esse Barba Azul não seja um homem tão mau assim.”

Tem sido frequente no consultório o surgimento de queixas, independentes de gênero, de que algo passa a acontecer durante o relacionamento modificando-o profundamente. A pessoa, antes satisfeita, passa a se sentir incomodada. Não entende o motivo, uma vez que o parceiro se demonstra gentil e cuidadoso. A visão incomoda-se com o reflexo reluzente de uma barba azul. A mente, porém, em seus recursos mais primitivos, oferece a negação como alternativa. Aquele insatisfeito passa a insistir consigo mesmo que essa barba não é tão azul. Há uma fantasia de alcançar um paraíso, de viver momentos maravilhosos como o dia na floresta que o conto relata.

Com a convivência de alguém funcionando como Barba Azul a pessoa fica mais fragilizada e passa a ter uma dependência emocional maior, pois conta com aspectos fantasiados do outro. “Ele é bom, ele cuida de mim” ou então “ele vai melhorar, com o meu amor isso do qual não gosto vai mudar”. Temos aqui o encontro dos contos *Barba Azul* e *O patinho feio*. Esse último conto, publicado pela primeira vez em 1845, remete ao desvalido.

Nas relações abusivas a pessoa se sente absolutamente imersa naquele mundo. Dificilmente, quando notado, conta para alguém o conflito que vive. Com frequência é alvo de ridicularizações do agressor. Assemelha-se ao patinho feio pois passa a ser o que não é, deixando de saber a magnitude do que se realmente é. O patinho feio vai de um lado

ao outro em busca de um lugar onde possa repousar. O instinto de vagarear até encontrar o que precisa funciona perfeitamente. Mas o que acontece conosco é o bater nas portas erradas mesmo depois de más experiências. Insistimos que a barba não é tão azul assim. Funcionamos segundo a compulsão à repetição. No meio do processo de recordação somos impelidos a repetir e voltar à estaca zero. Voltar ao carcereiro, ao lago gelado cercado de figuras diferentes que insistimos serem iguais.

Ah, e essa chavinha minúscula?

Barba Azul casa-se com a irmã mais nova. Depois de um tempo viaja e diz à esposa que ela pode usufruir das maravilhas do castelo em que moram e satisfazer qualquer desejo que seu coração tenha. Só não pode usar uma pequena chave.

A porta que essa chave abre é o elemento divisor de dois mundos no primeiro conto. Um mundo conhecido, e outro até então inimaginável, com ossadas e sangue. A porta seria a resistência no nosso psiquismo. Aquilo que nos impede de conhecer outro mundo, um mundo latente: ossadas “esquecidas” pelo recalque, o sangue das pulsões de vida e de morte. Nosso inconsciente trancado espera uma chance para se revelar.

A curiosidade surge aqui como questionamento. “Qual porta essa chavinha minúscula abre?” É a curiosidade sadia. A mesma dita por Zimerman (2008) que leva à indagação e ao autoconhecimento.

A clínica nos apresenta lindos cisnes se vendo como patinhos maltratados, alimentando assim um Barba Azul. Esse ‘patinho’ necessita de um alimento interno melhor. Se ele chega com uma chave minúscula, não podemos pestanejar. Atente-se para o fato de que na floresta, junto com as filhas

e o predador, estava a mãe das meninas. Ela também não viu perigo. E esse é o grande perigo. A dupla analítica está sempre em risco, porque pode também não ver qual é o predador. Tratamos o Barba Azul como predador externo, porém pode haver um predador interno que o alimenta. Nossas repetições são nossa grande ameaça. Por isso, precisamos da minúscula chavinha, e também de uma certa coragem para ver além da porta e assumir as consequências, podendo então vir a ser quem realmente se é.

REFERÊNCIAS

ESTÉS, Clarissa Pinkola (1994). *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco.

ZIMERMAN, David E (2008). *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed.



Marina Abdalla de Souza Porto é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

LUGARES DE FALA

ROTAS DA ESCRAVIDÃO DA

MULHER NEGRA BRASILEIRA

Cláudia Aparecida Carneiro e Maria Elizabeth Mori

O racismo produz sofrimento psíquico. A mulher negra sofre uma dupla opressão: por ser negra em uma sociedade racista e por ser mulher em uma sociedade machista, que discrimina mulheres. Propomos pensar a questão do racismo e as implicações psíquicas da posição que a mulher negra ocupa na sociedade brasileira. E refletir sobre resistências e dificuldades por parte dos psicanalistas de entrarem em contato com a dimensão psíquica do racismo.

Tomamos ideias psicanalíticas sobre as significações do corpo negro e recorreremos ao conceito de *lugar de fala*, emprestado do feminismo negro e outros movimentos sociais, para discutir a invisibilidade a que as mulheres negras foram submetidas historicamente, por um sistema escravagista dominante, que as impediu de serem reconhecidas como sujeitos.

Ao discutir o lugar de fala dessas mulheres, pensamos sobre a capacidade de escuta do psicanalista, implicado em seu próprio lugar de fala, para reconhecer nesse outro um sujeito único, sim, mas constituído a partir de suas experiências subjetivas em sua localização social – atravessado pelas experiências relacionadas a raça, classe, gênero, sexualidade.

Sabemos que o inconsciente não tem cor. Mas a cor da pele negra está representada no psiquismo como um significante fortemente associado a aspectos históricos, políticos, econômicos – um “apartheid psíquico”, como descreveu Isildinha Baptista Nogueira. No livro *O racismo e o negro no Brasil - questões para a psicanálise* (São Paulo: Perspectiva, 2017), Isildinha, psicanalista negra e estudiosa

das questões raciais nas práticas *psi*, dá a ideia do que é o *lugar de fala*:

– Nós, os negros, vivemos uma segregação silenciosa, o que durante muito tempo funcionou como se tivéssemos um sentimento persecutório, uma vez que o preconceito era negado. (...) Isso vem mudando, já que parece existir uma disposição maior da comunidade científica e da sociedade de expor a crueldade de um sistema que se diz “não racista”, mas que ainda conserva e mantém atitudes racistas. O negro pode ser consciente de sua condição, das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não impede que ele seja afetado pelas marcas que a realidade socio-cultural do racismo deixou inscritas em sua psique – afirma.

Ou seja: as condições socioeconômicas e a ideologia moldam as estruturas psíquicas de homens e mulheres. Estas estruturas psíquicas são *contaminadas* pelas condições objetivas (realidade externa) assimiladas e introjetadas na psique. No processo de identificação, a pessoa assimila parte mais ou menos importante de sua personalidade de um outro, amado e/ou odiado. Como ensinou Freud em 1921, o sujeito se identifica com um traço do objeto, que se repete ao longo de sua história e o representa.

Em sua tese de doutorado “Significações do Corpo Negro” (USP, 1998), Isildinha investigou a dimensão psíquica do racismo e a forma como a realidade histórico-social determina aos negros arranjos psíquicos peculiares, inscrições que se constituem na infância, nos momentos primeiros da constituição subjetiva. Há, portanto, uma combi-

Sabemos que o inconsciente não tem cor. Mas a cor da pele negra está representada no psiquismo como um significante fortemente associado a aspectos históricos, políticos, econômicos – um “apartheid psíquico”.

nação entre as representações construídas a partir das estruturas socioeconômicas e as configurações do mundo psíquico, definindo a condição do negro. Isso ocorre de modo que nem a consciência desta condição é suficiente para modificá-la, pois, como explica Isildinha, “os sentidos do racismo, inscritos na psique, permanecem não elaborados”.

Rotas da escravidão e racismo no Brasil

Compreender essa *contaminação* do psiquismo por condições objetivas nos recoloca no fio da história a examinar os aspectos socioeconômicos e ideológicos da nossa cultura brasileira. Os negros chegaram ao Brasil, na segunda metade do século XVI, transportados para trabalho escravo nas fazendas, vindos de várias regiões do continente africano. Com línguas, culturas, tradições e religiões diversas que dificultavam a comunicação, foram submetidos à escravidão num meio geográfico e cultural desconhecido, destituídos de sua condição humana pela brutalização dos cativos. Perderam suas identidades originais e, na nova existência e formas de resistência, uma nova identidade negra se constituiu.

A promulgação da Lei Áurea em 1888 não os libertou da condição de escravos, pois não os inseriu na sociedade. Substituídos pelos imigrantes europeus, os negros não tinham remuneração para seu autossustento, o que os levou ao trabalho doméstico em troca de comida e algum teto. Impedidos de desfrutar de qualquer benefício social, foram relegados a um “não-lugar social”, marginalizados e marcados pela cor que os diferenciava.

No documentário *A última abolição*, da diretora Alice Gomes (2018), a história do Brasil, último país ocidental a abolir a escravidão, é mostrada pelo vértice dos movimentos abolicionistas, a resistência escrava e o protagonismo do povo negro na luta por sua liberação. O documentário destaca o papel das mulheres negras na resistência: no cotidiano das cidades, eram as mulheres que lutavam pela abolição, como revelam documentos públicos, ocorrências policiais, ações de pedido de alforria etc. Cerca de 800 mil pessoas foram oficialmente “beneficiadas” pela Lei Áurea. Mas sem trabalho e sem liberdade (curandeirismo, capoeira, mendicância eram consi-

derados crimes, vadiagem era delito), negras e negros foram abandonados pelo Estado e continuavam presos a esse destino.

A filósofa Sueli Carneiro afirma no documentário que o abandono se constituiu em uma política de genocídio que impera até hoje: – O mito da democracia racial no Brasil é uma falácia e uma ideologia que serviu para amortecer a realidade cruel imputada às negras e negros.

O racismo à brasileira é confirmado também nos índices demográficos: negras e negros representam 55% da população brasileira (IBGE, 2017), sendo identificados, além da cor, pelas péssimas condições de moradia, saúde e escolaridade. As mulheres negras são as mais afetadas: chefiam 41% das famílias negras e recebem, em média, 58% da renda das mulheres brancas. O Brasil mata 71% mais mulheres negras do que brancas. Nos últimos 15 anos, o assassinato de brancas vem caindo e o de negras só cresceu (IPEA, 2018).

As mulheres negras também são as maiores vítimas de violência doméstica, obstétrica e mortalidade materna. A CPI da esterilização criada no Congresso Nacional em 1991 constatou que mulheres negras eram esterilizadas forçadamente em serviços de saúde. Tinham seus corpos mutilados, à mercê da vontade do outro.

As políticas públicas de combate à violência contra mulheres atingem somente as brancas. As mulheres negras vivem uma invisibilidade até mesmo para o movimento feminista, quando este universaliza a questão da desigualdade de mulheres em relação aos homens. É preciso nomear que negras estão num lugar de maior vulnerabilidade social do que “mulheres em geral”. Djamila Ribeiro, filósofa e feminista negra, dá um exemplo da exclusão das mulheres negras: quando ouvimos que “mulheres ganham em média 30% a menos do que os homens no Brasil”, a informação é correta, mas revela um problema ético: mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos.

O *lugar de fala* da mulher negra nos aponta um não-olhar que, sobretudo, nega a realidade subjetiva dessas mulheres. Simone de Beauvoir nomeou a categoria do *outro* no livro *O segundo sexo* (1949) para afirmar que a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao

homem. A escritora Grada Kilomba, ativista no feminismo negro, aprofunda essa análise afirmando que as mulheres negras se encontram na categoria de *o outro do outro* – e nunca de si mesmas – por não serem nem brancas, nem homens. É a antítese da branquitude e da masculinidade.

A imagem e as significações do corpo negro

O lugar de *outro* do sujeito implica pensar a dimensão do corpo negro no sistema simbólico da cultura. Valores sociais são fixados no corpo negro. Representações históricas associam atributos morais e intelectuais às suas características físicas. Uma rede de significações atribui ao corpo negro algo indesejável, negativo, por contraste ao corpo branco. O paradigma é eurocêntrico, a cor negra é o *Outro* da brancura.

Qual o efeito no psiquismo destas marcas socioculturais do racismo? De que maneira afetam a constituição subjetiva pela não elaboração do traumático social? A perspectiva lacaniana de constituição do sujeito nos dá uma direção: o *Eu* é uma construção imaginária a partir da qual o sujeito se objetiva para si mesmo. A criança se desprende da relação dual com a mãe e deixa de ser um só ser com essa, para então se perceber como um outro, um *Eu* em relação à mãe e aos outros. Ela se identifica com sua imagem especular pelo reconhecimento da mãe: é o olhar do outro que confirma a realidade do seu corpo na imagem do espelho.

Isildinha nos provoca indagando: se o sujeito se constitui pelo olhar do outro, como fica o negro que se confronta com o olhar do outro que reconhece nele o significado que a pele negra traz como significante? Que olhar é este? Aquele da herança escravagista, que atribuía a negras e negros o lugar “natural” de mão-de-obra escrava, com condições de vida miseráveis, sujeitos preguiçosos e vagabundos, seres inferiores e selvagens?

Se o corpo negro é atravessado por representações depreciativas, quais as implicações na construção da imagem desse corpo? Françoise Dolto faz uma distinção entre imagem corporal, única e sustentada no narcisismo, e esquema corporal, condição de representante da espécie do indivíduo. Até que ponto seria possível para o negro a construção de

uma imagem do corpo com um sentimento de pertencimento a uma espécie? O corpo que deveria trazer um sentimento de humanidade é retaliado pela cor da pele, pelos tipos de cabelo, pelas formas que não correspondem ao ideal de brancura.

A invisibilidade da mulher negra e o lugar de fala

As marcas psíquicas da realidade sociocultural do racismo e as significações do corpo negro afetam a constituição subjetiva das mulheres negras, duplamente marcadas pela falta – *nem brancas, nem homens*. Lugar de sujeito duplamente negado, resta-lhes a invisibilidade de sua realidade.

Grada Kilomba, em sua bela produção *Plantation Memories: episodes of everyday racism* (2012), afirma que as mulheres negras foram colocadas nesta condição em vários discursos que deturpam nossa realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é o homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde raça não tem lugar. Invisíveis, as mulheres negras habitam um espaço vazio.

O lugar de fala pode, então, servir de contraponto às pessoas que sofrem preconceito racial para falarem por si, reivindicarem seu espaço como protagonistas da própria luta. Uma mulher negra vai ter experiências distintas de uma mulher branca em função de sua localização social. A discussão que se coloca à psicanálise é a questão estrutural, atravessada pela “localização” social e cultural dessas mulheres, não a reduzindo exclusivamente à experiência individual. Seria manter uma visão binocular (Bion) nas vivências íntimas do sujeito e na experiência como ser que sofre a opressão racista por pertencer a tal lugar social (*mulher e negra*).

Um exemplo sem dúvida vivenciado por psicanalistas são as produções intelectuais de grupos cujo lugar social dificulta a visibilidade e a legitimidade dessas produções. Quantas professoras e professores negros tivemos, quantas autoras e autores negros lemos na graduação? Quantas pessoas negras já se deitaram em nossos divãs ou frequentaram nossos consultórios? Quantos colegas negros e negras contamos em nossa formação psicanalítica?

O lugar de fala pode, então, servir de contraponto às pessoas que sofrem preconceito racial para falarem por si, reivindicarem seu espaço como protagonistas da própria luta.

De qual lugar o analista fala e escuta?

A experiência da psicanalista Maria Lúcia da Silva, especialista em trabalhos em grupo com recorte de gênero e raça, a leva a afirmar que na psicanálise não há um reconhecimento de que o racismo produz sofrimento psíquico. Em seu trabalho “Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros” (2017), observa em seus grupos que quando uma pessoa negra num consultório de um psicanalista branco traz o tema do racismo e de seu sofrimento, esse tema não é reconhecido, nem tratado como merece ser.

Nós psicanalistas falamos e escutamos de qual lugar? Da experiência íntima de uma branquitude, uma negritude? Existe a neutralidade? Aquele que escuta pode ser empático ao outro, mas não pode sentir a experiência de quem sofre o preconceito, encarnado no próprio corpo, essa dor de ordem narcísica. O analista que não viveu as dores do racismo, pode não as compreender e não dar a elas a atenção necessária. É preciso reconhecer a existência do racismo estrutural, naturalizado, na dimensão de nosso próprio inconsciente.

Considerando a *verdade em psicanálise* como aquilo que Freud buscou alcançar no tratamento psicanalítico como condição necessária para a mudança psíquica, a psicanálise deve favorecer ao sujeito que lhe seja possível nomear seu sofrimento oriundo de sua conformação a um discurso hegemônico, cujas significações o excluem.

O lugar de fala e de escuta do psicanalista, para corresponder à verdade em psicanálise, deve levar em conta os fatores identitários do paciente negro: sua história, sua cultura, seu grupo, sua singularidade. A escuta do analista implica não “universalizar” o sujeito do inconsciente, mas considerar um sujeito em sua singularidade, constituído a partir de suas experiências subjetivas, relacionadas também à raça, classe, gênero, sexualidade.

Dando a palavra a Virgínia Bicudo

É preciso levar em consideração, na clínica, as questões raciais trazidas pelos pacientes. Como psicanalistas, nossa referência maior nessa reflexão é a pioneira Virgínia Leone

Bicudo (1910-2003). Mulher, negra, neta de escrava alforriada, primeira mulher a fazer análise na América Latina, primeira psicanalista não-médica no Brasil, primeira a escrever uma tese sobre relações raciais, disseminou o saber psicanalítico no país, mas seu protagonismo e sua história permanece invisível para muitos. Vamos dar palavra à própria Virgínia:

– Eu me interessei muito cedo por esse lado social. Não foi por acaso que procurei psicanálise e sociologia. Veja bem o que fiz: eu fui buscar defesas científicas para o íntimo, o psíquico, para conciliar a pessoa de dentro com a de fora. Fui procurar na sociologia a explicação para questões de status social. E, na psicanálise, proteção para a expectativa de rejeição. Essa é a história – disse Virgínia em entrevista à jornalista Ana Verônica Mautner da Folha de S. Paulo, em 2000.

No seu estudo da questão racial, Virgínia fez uma leitura não só psicanalítica, mas também antropológica e sociopolítica. Conforme nos conta Ana Paula Musatti Braga na *Revista Lacuna* (SP, 2018), Virgínia entrevistou 31 pessoas e mostrou que, mesmo quando diminuem as diferenças sociais, o preconceito da cor permanece e adocece o sujeito. Um adoecer psíquico mais eficiente do que o próprio preconceito e a discriminação.

* Esse texto é uma versão reduzida do trabalho apresentado no IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, em Cabo Verde, em novembro de 2018, sobre o tema “Rotas da Escravidão”.



Cláudia Aparecida Carneiro e Maria Elizabeth Mori são membros associados da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

DIÁLOGOS NA BREVIDADE

Nadja Rodrigues de Oliveira

A cachoeira corre ininterrupta. Suas águas passam nos banhando de despedidas e desaguando em contínuas chegadas. Freud me visita num sussurro inaudível, com palavras ainda úmidas de terem me mergulhado: “a beleza da natureza sempre volta depois que é destruída (...), e esse retorno bem pode ser considerado eterno, em relação ao nosso tempo de vida”.

De olhos fechados, escuto a insistência da vida em brotar. A força das águas pulsa, criando desvios sutis, perfurando pedras e hidratando sementes. Ao escorrer pelo leito, suas ondulações ora se deitam e ora excedem as margens. Nas terras do meu pensamento, germinam perguntas: Qual será a medida do exceder que abre a costura do rio para lhe bordar novos braços? E qual será a desmedida que o desalinha, fazendo do excesso enxurrada? Em retornos eternos da vida, quando as águas esculpem lugares e tempos musicados, e eternos retornos das quedas, nas quais a mesma água guarda a potência do afogar, passeio por pororocas entre o riacho e o meu mar.

Embalada pelo ritmo das águas, sinto o tempo pousar na minha brevidade. Vozes de poetas que não conseguiram morrer me visitam. Tentam me traduzir na experiência de vertigem entre a alegria e a tristeza de ser instante. Cecília Meireles segura minhas mãos e, fitando a folha trêmula do meu olhar, me diz que seremos “como a vela de um barco pequeno equilibrado sobre muitas oscila-

ções”. E de barco assim velado, sigo navegando meu canto.

Os raios do sol penetram a mata como que pedindo licença, pisando suaves sobre as nossas peles. O vento também passa delicado, temperando o calor. Por um segundo, toda a natureza parece repousar naquele aconchego morno e úmido, quase uterino. O instante é breve e vasto. Ele guarda profundezas. Envolta em sensações sem nome e de um tempo sem número, vou sendo ninada por uma música em algum lugar guardada:

“O ponteiro dos segundos
É o exterior de um coração.
Conta a minutos os mundos,
Que os mundos são sensação”





– Pessoa? – indago-me.

– O da sua pessoa! – ele responde brincalhão.

Rimos cúmplices, embebidos na graça.

Pela janela aberta do olhar, vejo minha pequena companheira de hidratações. Ela me indaga com olhos curiosos, esticados para além das órbitas do corpo:

– Do que você está risando?

Sua pergunta me é lançada com um sorriso, segurando as mãozinhas em concha.

– Estou risando de umas conversas dentro da minha cabeça, que o dia bonito fez acordar. E você, o que está segurando? – E curio suas mãos com meus olhos.

– Estou segurando o rio. Mas ele adora escapar!

Num breve mergulho de sua embarcação, a menina carrega água por alguns instantes, logo a mostrando escorrer por entre as fendas de seus dedos. Detém-se no fio úmido sobre

sua pele e franze a testa, pensativa. Parece descobrir que há rios que correm para além da potência das mãos, ainda que sejam tateáveis.

– Sabia que eu também converso na minha cabeça? – ela me diz.

– É mesmo? O que você conversa nela?

– Não sei. Sabia que o meu papai também brincava na cachoeira, quando era neném? Eu morava em outro país, aí num lembro. Eu só vim pra cá depois. É por isso que eu tenho muitas línguas! – Seu olhar cerra em gravidade, me confiando coisa séria.

– Nossa! Tem muitas histórias, pessoas, línguas e tempos aí dentro. Deve dar uma conversa cabeça!

– É! É que eu lembro de tudo, até quando eu esqueço... – E a menina se volta para as águas, abrindo as mãozinhas sobre as ondas e mergulhando naquilo que lhe ocupa ao escapular entre os dedos.

Quantas temporalidades compõem o nosso tempo, nesse bloco mágico que lembra por meio do esquecimento? “A natureza única do que aparece é passar”, ecoa inscrites de Cecília Meireles em mim. Com sorte, o que passa pode vir a ser passo, pássaro, passagem, passado... A vida é composta a partir do que cai. Peito e terra se expandem a cada outono.

Mas há cair de águas que resfriam a nuca. Lá onde o passar ressentido despedidas e ameaça quedas no esquecimento. Um poço de “revolta psíquica contra o luto”, volta Freud a me sussurrar. Cantos escuros onde não se confia na presença invisível. Onde o perder de vista evoca perdas, não tendo guardado suficientemente olhares vivos.

Quintana e Winnicott puxam cadeiras à mesa para o diálogo. Na verdade, ambos se sentam ao chão, mais próximos dos fundamentos. “O que mata um jardim / Não é mesmo alguma ausência / nem o abandono... / O que mata um jardim / É esse olhar vazio / de quem por eles passa indiferente”, Quintana abre a boca do solo para falar. Winnicott acena afirmativamente com a cabeça branca e complementa: “Quando olho, sou visto; logo, existo”. Quintana já ia se dando por satisfeito quando Winnicott levanta o dedo em interjeição: “O sentimento de que a mãe existe [na ausência da mãe] dura x minutos. Se a mãe ficar distante mais do que x minutos, então a imago se esmaece e, juntamente com ela, cessa a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união”.

Os poetas que rondam o papo torcem o nariz com a quebra da estilística, mas Pontalis se levanta suavemente e, fazendo chegada à francesa, sonha o argumento: “Primeiro, ser-nos-ia preciso ver. (...) Por que é que sonhamos, a não ser a cada noite, para ver o desaparecido (mundos, lugares, pessoas, rostos), confirmar sua permanência e tentar unir o efêmero ao eterno?”.

Uma rajada de vento me sopra para fora, dissipando as nuvens que eu contemplava no céu dos meus mundos. A menina se levanta como o vendaval e segura com os olhos uma folha dançante entre duas pedras. Há uma qualidade intensa repousada em todo o seu ser, aguardando para ver o que ela vai acontecer. Com o braço esticado em vara, pesca a folha que trepida no ar. Um sorriso crescente como a lua lhe percorre o rosto, mas a ventania ganhou novo fôlego e sopra com ímpeto, partindo ao meio folha e riso.

Fitando onde algo foi perdido, ela se ocupa do que lhe permanece. A menina está imersa na fração do segundo, no piscar entre o que era e o que é. Após um tempo imensurável, ela volta a se sentar, mantendo a vista abraçada no que se foi. Sutilmente, desprende os olhos e os passeia pelo vendaval, soprando ela mesma, em doce pesar:

– Na página do vento, a folha quebrou...

Me prolongo na imensidão das suas palavras. A menina bem tem muitas línguas. No eco de tamanha beleza singela, poetas e psicanalistas sorriem em mim. “*A thing of beauty is a joy for ever*”, um deles suspira em síntese. Na transitoriedade que somos, a vida emocional guarda eternidades.



Nadja Rodrigues de Oliveira é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

NUMA ESTAÇÃO DE TREM

Kátia Barbosa Macêdo



Na sala reina o total silêncio. Desses em que cada um se entrega a seu jornal, muito mais para se proteger de um possível olhar cruzado ou alguma conversação. Do lado de lá, sentado em um canto, um moço se abraça à sua mala, não sei se para espantar a solidão, medo de assalto ou por cansaço.

E não mais que de repente surge um velho senhor, bem vestido, muito alegre e com duas medalhas penduradas no pescoço. Tenta conversar com um e com outro, puxando assunto. Mas, ninguém responde ou dá indícios da possibilidade de uma conversação, ele se senta, vira para o lado e começa a conversar sozinho.

No princípio ninguém percebe, mas a “conversa” toma um curso muito agradável, ele se mostra muito feliz, tirando do bolso uma gaita que toca muito bem, algumas pessoas já arriscam olhar por cima do jornal ou de lado, “disfarçando”. Sorriem com uma grande inquietude, riso nervoso, como se perguntassem se ‘essa doença é contagiosa’.

Enquanto isso, chega outro homem meio desavisado, e não se sabe por que motivos, senta-se exatamente ao lado daquele senhor tão alegre. O senhor começa a conversar e ele vai respondendo até se dar conta de que, independentemente do que responda, o assunto muda de rumo, seguindo o velhinho. Para de conversar... e o velho continua. Nesse momento começa a se afastar e a olhar para o lado, como se quisesse desculpar-se frente a si mesmo e explicar que o “louco” é o outro, que ele não tem nada a ver com isso. Quer sair dali, mas tem medo. Afinal, de quem conversa sozinho pode-se esperar de tudo, não?

Começa a olhar o relógio, mexer na cadeira e, olhando para os outros, como se dissesse para não pensarem mal dele, afinal, ele não sabia de nada.

De repente, consegue achar a solução. Tira da carteira uma nota de dinheiro, coloca-a ao lado do velho senhor, como um aval para que saia dali ileso da situação. Despede-se e sai bem depressa, sem olhar para trás.

O velho despede-se dele, continua a tocando sua gaita e a conversando, sem olhar para o dinheiro. Tem uma expressão tão feliz, que nem todo o ambiente de não relação que o envolve o afeta. Aliás, o que se passou é que, com o acontecido, as pessoas em volta começaram a conversar entre si e a rir da situação: enfim, passam a se relacionar como humanos. E o velho senhor parecia tão feliz. Ou melhor, o velho senhor era tão feliz...

Firenze, 1/4/1988



Kátia Barbosa Macêdo é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia e professora titular da PUC Goiás.

*Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta
continuarei a escrever.*

CLARICE LISPECTOR



*Pessoalmente, acho mais fácil considerar a
existência de pensamentos sem um pensador. (...)
É algum pensamento errante em busca de algum
pensador para se alojar nele.*

WILFRED R. BION